

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

FERNANDA CESA FERREIRA DA SILVA

**O MASCULINO E O PADECIMENTO PSÍQUICO:
UMA LEITURA A PARTIR DA ESCUTA
NA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA**

Prof^ª Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre

2010

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**O MASCULINO E O PADECIMENTO PSÍQUICO: UMA LEITURA A PARTIR DA
ESCUA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA**

Dissertação de Mestrado

FERNANDA CESA FERREIRA DA SILVA

Prof^ª Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, março de 2010.

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**O MASCULINO E O PADECIMENTO PSÍQUICO: UMA LEITURA A PARTIR DA
ESCUITA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA**

FERNANDA CESA FERREIRA DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, março de 2010.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586o Silva, Fernanda Cesa Ferreira da
O masculino e o padecimento psíquico: uma leitura a partir
da escuta na clínica psicanalítica contemporânea/ Fernanda
Cesa Ferreira da Silva. – Porto Alegre, 2010.
86 f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Fac. de
Psicologia, PUCRS.
Orientador: Prof^a. Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo

1. Psicologia do Homem. 2. Psicanálise. 3. Masculinidade. 4.
Homens – Aspectos Sociais. 5. Identidade - Psicologia. 6.
Modernidade – Aspectos Sociais. I. Macedo, Mônica
Medeiros Kother. II. Título.

CDD 155.632
155.195

Bibliotecária Responsável: Elisete Sales de Souza, CRB 10/1441

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Fernanda Cesa Ferreira da Silva

**O MASCULINO E O PADECIMENTO PSÍQUICO: UMA LEITURA A PARTIR DA
ESCUA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Mônica Medeiros Kother Macedo

Presidente

Prof. Dr.^a. Blanca Susana Guevara Werlang

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof. Dr.^a. Silvia Pereira da Cruz Benetti

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Porto Alegre, março de 2010.

*Para Helena e Guilherme, pessoas que,
através da qualidade de um sentimento,
preenchem minha vida de sentido.*

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Mônica Medeiros Kother Macedo, minha querida e admirada orientadora, pelo constante encorajamento profissional e, ao mesmo tempo, incansável suporte afetivo a mim oferecido. Agradeço todos os ensinamentos que me foram transmitidos. Sua postura como psicóloga e, acima de tudo, como amiga, me reafirmaram um ideal a seguir.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação, bem como de todo o percurso do mestrado, contou com a participação direta ou indireta de várias pessoas, às quais registro o meu profundo e sincero agradecimento:

À minha família, que é minha estrutura emocional e fonte de inspiração. À minha mãe Maria Regina que, com todo seu amor, dedicação e zelo, sempre me apoiou e me mostrou qual o lado certo a ser seguido. Ao meu pai, Jorge, que sempre me incentivou a seguir me aprimorando e a ir além, servindo de base para mim como um modelo profissional a seguir. À minha irmã Aline, mãe substituta, companheira e amiga de todas as horas e em qualquer situação, que deixa minha vida mais segura e tranqüila somente pela sua presença. Ao meu irmão Jorginho, que eu tanto admiro e sigo os seus passos, seja na sua ética, no seu inigualável senso de humor ou na sua trajetória acadêmica. Aos meus cunhados Walter (praticamente um pai) e Carolyne, que são fundamentais para a completude da minha família e, portanto, da minha estrutura. Aos meus sobrinhos Helena, Pedro Henrique e Marina, os quais me fizeram entender o significado do amor incondicional e tornaram a minha vida muito mais lúdica. Amo muito todos vocês.

Ao Guilherme, meu amor, meu amigo e meu cúmplice, que, com os seus gestos de carinho e cuidado, me completa e me faz acreditar que tudo dará certo.

Às minhas queridas e valiosas amigas Ariana, Carina, Daniela e Simone. Cada uma, com seu jeito de ser, me complementam de forma única e especial, tornando minha vida mais feliz.

À Nara Lima, amiga sempre disposta a me oferecer todo o tipo de suporte. Sua presença afetiva e seus conselhos descomplicam muitas situações em minha vida.

À Blanca Werlang, profissional que muito admiro. Suas valiosas contribuições, principalmente na etapa final do trabalho, me deixaram mais confiante.

À Yáskara Palma, parceira na representação discente. Emprestou diversos livros que foram essenciais, contribuiu na leitura da minha seção teórica, se mostrou sempre disponível para me ajudar e se tornou uma grande amiga.

Ao Guinter Luhring, que, por estar no lugar certo e na hora certa, pode me enviar documentos e, assim, contribuir para o melhor uso do meu tempo no término deste trabalho.

À Gabriela Lima que, atentamente, revisou minhas categorias e muito me auxiliou com seus comentários.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, que me acompanharam, me deram apoio, ouviram meus anseios, enfim, propiciaram momentos de convívio que foram muito importantes e serão inesquecíveis para mim.

À Carolina Druck, pela postura dedicada e ágil nas transcrições das entrevistas.

Ao Sander Machado, pelo precioso auxílio na formatação das referências.

À Roberta Monteiro, pela parceria em todas as atividades “CNPq” que compartilhamos.

À Renata Ayub, que, com seu domínio na informática, foi fundamental no momento da análise dos dados, além da companhia em diversos momentos do nosso percurso.

À Carolina Dockhorn, presença afetuosa que foi indispensável no meu entendimento do método de análise dos dados.

À Renata Ribas e Paula Kegler, que me propiciaram leveza nos diversos momentos de descontração ao longo dessa trajetória, além das trocas afetivas que somente uma amizade contempla.

A todos os colegas de mestrado, que compartilharam comigo esse desafio e que muito me ensinaram no decorrer desse percurso.

À equipe do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS, pela estrutura e acolhimento a mim oferecidos.

A todos os psicanalistas entrevistados nessa pesquisa, que gentilmente disponibilizaram seu tempo e suas experiências profissionais.

Ao CNPq, pela bolsa de fomento que viabilizou a realização do mestrado.

Muito obrigada!

RESUMO

As transformações decorrentes de imposições sociais, culturais e econômicas advindas da contemporaneidade resultam em uma inegável influência nos processos de subjetivação, repercutindo, dessa forma, nas modalidades de enfrentamento do sujeito com as demandas de seu entorno. Nesse contexto, destacam-se as modificações que ocorrem no cenário da masculinidade. Os avanços tecnológicos, o movimento feminista, o enfraquecimento da cultura patriarcal e, conseqüentemente, as novas representações atribuídas ao homem, desestabilizaram o modelo masculino tradicional e impuseram a necessidade de sua revisão. Esta dissertação tem o objetivo de identificar e abordar os efeitos das transformações socioculturais que se fazem presentes nas formas de subjetivação masculina dos tempos atuais, bem como explorar as especificidades de padecimento psíquico masculino que adentram o espaço da clínica psicanalítica contemporânea. Foram elaboradas duas seções sobre o tema: uma teórica e uma empírica. A seção teórica propõe uma reflexão acerca das complexidades inerentes à contemporaneidade e à singularidade da subjetividade masculina inserida nesse contexto. São utilizados os aportes psicanalíticos na tentativa de obter uma compreensão a respeito de características próprias do contexto contemporâneo, relacionando o mesmo com exigências impostas ao homem. Essa seção aborda a associação entre as demandas socioculturais e a produção de padecimento psíquico masculino. Já na seção empírica, a partir do método qualitativo, buscou-se compreender, por meio da escuta de psicanalistas, as configurações singulares de padecimento psíquico masculino que se fazem presentes na clínica psicanalítica contemporânea. Foram entrevistados 10 psicanalistas, com um período mínimo de 10 anos de prática clínica. Os dados foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo. Identificaram-se três categorias finais, as quais foram denominadas: Demandas da contemporaneidade – efeitos no campo intersubjetivo; O padecimento masculino contemporâneo: a história de Narciso no cenário de excessos; A vigência da Psicanálise como recurso ético na clínica contemporânea do masculino. Assim, foi possível explorar os efeitos que as demandas contemporâneas produzem nos campos intrapsíquico e intersubjetivo, viabilizando a compreensão de padecimentos que podem acometer os homens nos tempos atuais. Da mesma forma, foram aprofundados conceitos relativos ao trabalho analítico, reconhecendo na Psicanálise um recurso ético e vigente na clínica contemporânea do masculino. O cenário da clínica psicanalítica parece, nesse sentido, ser um lugar no qual o homem pode exercitar a possibilidade de olhar para si mesmo. Considera-se a escuta analítica como um recurso que, ao situar-se na contramão da imposição de valores e da exigência de performance, dá espaço para que surja o que é singular do sujeito. A compreensão psicanalítica das especificidades do padecimento psíquico masculino contemporâneo, longe de atribuir à cultura a causa de todos os males, convida o analisando a refletir sobre o efeito dessas demandas sobre si. Na modalidade de encontro proporcionada pela escuta clínica, o homem pode (re)construir o prazer de usufruir de um espaço que propicia o acesso à alteridade.

Palavras-chave: masculinidade, psicanálise, contemporaneidade, clínica psicanalítica.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 (Psicologia)

Subárea conforme classificação CNPq: 7.07.10.00-7 (Tratamento e Prevenção Psicológica)

ABSTRACT

The transformations deriving from the social, cultural and economic impositions due to the contemporary result in an undeniable influence in the process of the subjectivity, reflecting, this way, in the coping methods of someone with demands arising from its environment. In this context, it is highlighted the changes that occur in the scenario of the masculinity. Technological advances, the feminist movement, the weakening of patriarchal culture and consequently, the new representations addressed to men have destabilized the traditional male model and have imposed some review. This dissertation aims to identify and to talk about the effects of the sociocultural transformations which are present in the male subjectivity ways nowadays, as well as, exploring the specificities of the male psychic suffering which are present in the contemporary psychoanalytical clinic. It was elaborated two sections about this topic: a theoretical and an empirical one. The theoretical section proposes a reflection about the inherent complexity of the contemporary and the singularity of the male subjectivity inserted in this context. This dissertation uses the psychoanalytical techniques trying to obtain an understanding about the contemporary context, related to the same demands imposed to men. This sections talks about the link between the sociocultural demands and the production of the male psychic suffering. In the empirical section, from the qualitative method, it was tried to understand, through psychoanalytical listening, the singular configurations of the male psychic suffering which are present in the contemporary psychoanalytical clinic. Ten psychoanalysts were interviewed with a minimum of 10 years clinical practice. Data was analyzed through the technique of the Content Analysis. It was identified three final categories named: Demands of the Contemporary – effects in the intersubjective field; The Male Contemporary Suffering: the story of Narcissus in the excess scenario; The Validity of Psychoanalysis as an ethical resource in the male contemporary clinic. So, it was possible to explore the effects in which the contemporary demands produce in the intrapsychic and intersubject field, enabling the understanding of the ailments that can affect men nowadays. Similarly, It was more fully developed the concepts related to the analytical work, recognizing in Psychoanalysis as an ethical and valid resource in the male contemporary clinic. The scenario of the psychoanalytical clinic seems, in this way, to be a place in which men may exercise the possibility to look to themselves. It was considered the analytical listening as a resource that allows to arise what is singular in the subject, in the opposite way from the values imposition and a requirement for performance. The psychoanalytic understanding of the specificities of the contemporary male psychic suffering, far from saying that culture is the cause of all evil, invites the analysand to think about the effects of such demand on him. In the modality of the provided meeting of the clinical listening, man may (re)build the pleasure to enjoy of a space in which provides the access to otherness.

Keywords: masculinity; psychoanalysis; contemporary; psychoanalytical clinic

Area as CNPq Classification: 7.07.00.00-1 (Psychology)

Subarea as CNPq Classification: 7.07.10.00-7 (Treatment and Psychological Prevention)

SUMÁRIO

LISTA GERAL DE TABELAS.....	13
LISTA GERAL DE QUADROS.....	14
INTRODUÇÃO GERAL.....	15
Referências	18
SEÇÃO I.....	19
INQUIETAÇÕES NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A MASCULINIDADE.....	19
Introdução	20
Reflexos do excesso: um modelo de subjetividade nos tempos atuais	21
Especificidades do processo de subjetivação masculina sob a ótica da Psicanálise	27
Considerações Finais	33
Referências.....	35
SEÇÃO II.....	37
A ESCUTA DO MASCULINO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA: SINGULARIDADES DE UM PADECER.....	37
Introdução	38
Método	39
Resultados e Discussão.....	41
Considerações Finais	73
Referências.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	800
ANEXOS	833
ANEXO A.....	84
Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.....	84
ANEXO B.....	86
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	86

LISTA GERAL DE TABELAS

Tabela 1. Sumarização dos dados dos participantes obtidos na entrevista.....	40
---	----

LISTA GERAL DE QUADROS

Quadro 1. Categorização inicial, intermediária e final dos dados obtidos nas entrevistas com os dez participantes do estudo.....	42
Quadro 2. Dados referentes à Categoria Final 1	43
Quadro 3. Dados referentes à Categoria Final 2	50
Quadro 4. Dados referentes à Categoria Final 3	65

INTRODUÇÃO GERAL

Esta dissertação de mestrado, intitulada *O masculino e o padecimento psíquico: uma leitura a partir da escuta na clínica psicanalítica contemporânea*, foi desenvolvida no Grupo de Pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, coordenado pela professora Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo. Este Grupo de Pesquisa está vinculado à linha de pesquisa “Intervenções Psicoterapêuticas”, na área de Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

A partir da década de 80, a masculinidade tem sido alvo de estudos (Ceccarelli, 1998; Silva, 2000; Wang, Jablonsky e Magalhães 2006), os quais têm como ponto de partida a constatação de que o sujeito do sexo masculino, na cultura ocidental, atravessa uma crise identitária. Segundo Silva (2000), tem-se questionado o verdadeiro significado do que é ser homem na contemporaneidade. Para o autor, as demandas impostas pela cultura definem características, comportamentos e papéis para o sexo masculino, estabelecendo um padrão a ser seguido como molde. Entretanto, esse padrão não necessariamente está de acordo com aquilo que o homem almeja para si enquanto traço identificatório. Ceccarelli (1998) sustenta que a masculinidade é construída a partir do espaço social e político, portanto, sua essência somente poderá ser compreendida pela análise dos suportes simbólicos próprios de cada sociedade. Nesse sentido, Wang, Jablonsky e Magalhães (2006) referem a inegável influência da cultura patriarcal sobre o modelo ocidental de masculinidade. Entretanto, Staudt (2008) salienta que, mesmo frente à constatação de que os valores atuais são influenciados pela maneira como as relações entre homens e mulheres se estruturaram nas gerações passadas, as referências das gerações anteriores já não respondem satisfatoriamente às demandas das sociedades contemporâneas.

No que diz respeito à observação das condições humanas de enfrentamento diante das exigências próprias da sociedade contemporânea ocidental, a qual é marcada pelos avanços tecnológicos, pelo fenômeno da globalização e por práticas neoliberais (Marazina, 2005), constata-se uma singular situação. O homem, aprisionado na exigência de corresponder aos ideais de performance, de alto desempenho, de potência e de sucesso, padece e não pode reconhecer em si os efeitos devastadores de tal condição de submetimento. Tais cobranças, autodirigidas, apresentam a finalidade de ser reconhecido, porém trata-se de um reconhecimento atribuído desde o olhar de outro. Assim, nessa condição, o sujeito ausenta-se

de seu processo de construção identitária passando a espelhar as demandas de um tempo no qual a completude é exigida a cada desafio.

Nessa direção, Ramalho (2005) refere que o sujeito contemporâneo deve se fazer por conta própria, ou seja, deve abrir mão da tradição para ser o mais livre possível. No entanto, a autora refere que, justamente por prescindir dos referenciais simbólicos, o sujeito encontra-se também mais só e desamparado. Este é o impasse contemporâneo: ter que se fazer por si e, ao mesmo tempo, torna-se imprescindível obter algum reconhecimento do outro para ser um sujeito.

Dessa forma, a Psicanálise se apresenta como um valioso recurso de leitura tanto do processo de subjetivação masculina quanto da dinâmica dos padecimentos psíquicos nesse cenário contemporâneo. Segundo Dockhorn e Macedo (2008), a “Psicanálise, ao dar destaque ao singular, cria um espaço de atenção e cuidado ao processo de construção da subjetividade, permanentemente convocada à massificação pela cultura atual” (p. 217). Conforme as autoras, a clínica psicanalítica oferece um espaço no qual o intrapsíquico é valorizado, de forma com que a singularidade do sujeito diante de tantas demandas sociais é respeitada, bem como a implicação do sujeito em seu padecimento pode ser escutada.

Reconhece-se que as transformações socioculturais, ao longo do tempo, implicaram efeitos na subjetividade masculina. Assim, torna-se necessário investigar como esses processos estão sendo metabolizados psiquicamente. Trata-se, dessa forma, de não minimizar a importância da complexidade das configurações de padecimento psíquico que se apresentam na clínica do masculino diante das demandas do contexto contemporâneo.

Esta dissertação se desenvolveu a partir do projeto “O masculino e o padecimento psíquico: um olhar a partir da escuta na clínica psicanalítica contemporânea”, submetido à apreciação e aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS e do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, tendo sido aprovado no dia 09 de janeiro de 2009 (Anexo A). Com base no referido projeto, foram elaboradas duas seções de estudo sobre o tema, de acordo com a Resolução nº002/2007 de 06/11/2007 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. A primeira seção, de cunho teórico, é intitulada *Inquietações no cenário contemporâneo: reflexões psicanalíticas sobre a masculinidade*; e a segunda seção, de cunho empírico, foi denominada *A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer*.

A seção teórica teve como objetivo, a partir de uma revisão da literatura, propor uma reflexão acerca das complexidades inerentes à contemporaneidade e à singularidade da subjetividade masculina inserida nesse contexto. São utilizados os aportes psicanalíticos na

tentativa de uma compreensão sobre as transformações próprias do contexto contemporâneo, relacionando-o com exigências impostas ao homem. Desse modo, esta seção aborda a associação de demandas socioculturais à produção de padecimento psíquico no homem.

Já a seção empírica responde ao Projeto através de um estudo que teve o objetivo de compreender, por meio da escuta de psicanalistas, as configurações singulares de padecimento psíquico masculino que se fazem presentes na clínica psicanalítica contemporânea. Para tanto, optou-se pelos pressupostos metodológicos qualitativos. Foram entrevistados 10 psicanalistas, todos com um período mínimo de 10 anos de prática clínica. Os dados obtidos foram analisados e discutidos por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (1991), na proposta de Moraes (1999). Para interpretação dos achados, lançou-se mão do referencial psicanalítico.

As seções de estudo que compõem esta dissertação de mestrado possibilitam, do ponto de vista teórico e empírico, uma leitura e uma reflexão aprofundada sobre os efeitos das transformações socioculturais que se fazem presentes nas formas de subjetivação masculina dos tempos atuais. Buscou-se explorar as especificidades de padecimento psíquico masculino que adentram o espaço da clínica psicanalítica contemporânea. Assim, este trabalho toma as contribuições da Psicanálise como valiosa ferramenta que viabiliza uma leitura problematizada sobre as inquietações decorrentes dos efeitos da contemporaneidade, não só no que diz respeito à produção de subjetividade, mas, também, à demanda de excessos que aprisiona o homem na singularidade de um padecer.

Referências

- Bardin, L. (1991). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Ceccarelli, P. (1998). A masculinidade e seus avatares. *Catharsis*, 19 (4), 10-11.
- Dockhorn, C. & Macedo, M. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. *Revista Argumento Psicologia*, 54 (26), 217-224.
- Marazina, I. (2005). O espelho e os homens: considerações sobre os reflexos na masculinidade de hoje. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 28, 16-22.
- Moraes, R. (1999) Análise de Conteúdo. *Educação*, 37 (22), 7-32.
- Ramalho, R. M. (2005). O que elas falam deles. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 28, 23-30.
- Silva, S. G. (2000). A Masculinidade na História. In: *Psicologia, Ciência e Profissão*. 20 (3), 8-15.
- Studt, A. C. P. (2007). *Novos tempos, novos pais? O ser pai na contemporaneidade*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Wang, M. L.; Jablonski, B. & Magalhães, A. (2006). Identidades Masculinas: limites e possibilidades. *Psicologia em Revista*. 19 (2), 54-65.

SEÇÃO I

**INQUIETAÇÕES NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES
PSICANALÍTICAS SOBRE A MASCULINIDADE**

Introdução

As transformações decorrentes de imposições sociais, culturais e econômicas advindas dos tempos atuais resultam em uma inegável influência nos processos de subjetivação, repercutindo, dessa forma, nas modalidades de enfrentamento do sujeito com as demandas de seu entorno. Conforme Bleichmar (2007), a produção de subjetividade é de ordem histórica, social e política, aludindo, assim, aos modos com os quais cada sociedade determina as formas como um indivíduo se constitui enquanto sujeito social e se insere no mundo em que lhe cabe viver. As modalidades de inserção de um sujeito no mundo contam, portanto, do efeito dessas demandas no processo de construção de seu psiquismo.

Atualmente, autores como Birman (2000), Bauman (2001), Maia (2005) e Machado (2008) propõem reflexões pertinentes frente às transformações decorrentes da complexidade do século da pós-modernidade, da globalização, da relativização do conhecimento, da fluidez dos conceitos e dos valores. Bauman (2001) utiliza a metáfora da *modernidade líquida* para descrever a contemporaneidade, pois o termo corresponde à incapacidade da sociedade em manter a sua forma de maneira estável num determinado período de tempo. O autor refere que as atuais condições de vida são regidas pela falta de fixidez no espaço ocupado, o que explicita um tempo de desapego, provisoriedade e dissolução de laços afetivos. Nessa direção, Birman (2000) destaca que a globalização e o neoliberalismo provocaram a fragmentação do social, diluindo, assim, as instâncias reguladoras e ordenadoras das subjetividades e das trocas humanas. A contemporaneidade é marcada por indagações quanto ao ser e estar no mundo, em decorrência da instabilidade vigente e da falta de garantias sobre qual o melhor papel a ser desempenhado.

Essa dinâmica e complexa velocidade de transformações sociais, culturais e econômicas não se dá à margem do humano, sendo, ao contrário, geradora de importantes conseqüências para o sujeito. Trata-se, portanto, de dar espaço a uma necessária e relevante reflexão a partir da inegável constatação de novas formas de subjetivação e, conseqüentemente, de novas formas de se relacionar, que decorreram dos efeitos da contemporaneidade. Nesse sentido, Staudt (2008) refere que, apesar de a maneira como as relações entre homens e mulheres se estruturaram nas gerações passadas ainda influenciar os valores atuais, as referências das gerações anteriores já não respondem satisfatoriamente às demandas das sociedades contemporâneas. Dessa forma, percebe-se que vários papéis estão em processo de reconstrução, incluindo-se, neste contexto, importantes indagações a respeito do papel masculino.

Para McDougall (1997), a Psicanálise, considerada como ciência antropológica, “tem

sido reconhecida, desde os seus primórdios, como uma disciplina cujo objetivo é questionar o óbvio, desafiar crenças estabelecidas e revelar os elementos inconscientes que emprestam paixão e distorção às opções sociais, políticas, culturais e religiosas” (p.236). Portanto, a Psicanálise contribui com seus aportes para a compressão da especificidade do humano, na medida em que o sujeito é por ela considerado em sua singularidade, ao mesmo tempo em que também considera a importância das relações intersubjetivas. Segundo Amaral (2000), o psiquismo, nessa perspectiva, está situado no espaço entre o interior e o exterior do sujeito, ou seja, entre o corpo biológico e a cultura. Dessa maneira, o psiquismo é considerado um sistema aberto, que sofre influências tanto das demandas internas quanto das externas, bem como também apresenta a capacidade de exercer uma influência sobre essas demandas. O sujeito, de acordo com Lima (2000), é pensado no cenário psicanalítico como sendo um sujeito da criação, da inventividade e da afirmação de suas potencialidades, sem necessariamente postulá-lo pelo viés psicopatológico.

É possível constatar que a Psicanálise, desde seu surgimento, contribuiu significativamente no que tange à compreensão dos aspectos envolvidos na feminilidade e na masculinidade. Porém o homem, ao ser definido como portador do pênis, e, portanto, do falo, parece não ter recebido suficiente atenção da comunidade psicanalítica no que se refere ao complexo processo de aquisição de sua masculinidade. Tal afirmativa é corroborada por Bleichmar (2007) ao considerar imperiosa a necessidade de uma revisão conceitual por parte da Psicanálise a respeito dessa temática. Não se pode negar a existência de importantes transformações que se desenvolveram em diversas regiões do mundo acerca das representações tradicionais de gênero, sendo legítima a relevância de explorar, a partir dos aportes psicanalíticos, os efeitos que a contemporaneidade está provocando na produção da subjetividade masculina.

Cabe destacar que, até os anos oitenta, poucos autores haviam se interessado pelas questões masculinas, e a carência de trabalhos sobre masculinidade foi assinalada por Wang (2004). Perante esse contexto, o presente estudo propõe uma reflexão acerca das complexidades inerentes à contemporaneidade e às singularidades do processo de subjetividade masculina nesse contexto. Trata-se, portanto, de um ensaio teórico a respeito de aspectos envolvidos na compreensão da masculinidade no contexto contemporâneo sob a ótica da Psicanálise.

Reflexos do excesso: um modelo de subjetividade nos tempo atuais

Diante das transformações desencadeadas na passagem da modernidade para a

contemporaneidade, cabe questionar que efeitos foram provocados na constituição das subjetividades nos tempos de hoje. Na medida em que se percebe a ausência de uma preparação para esta mudança de demandas no campo do ser, pode-se considerar que as rupturas decorrentes das inegáveis transformações no processo de subjetivação colocam o sujeito, muitas vezes, em um estado de atordoamento frente às dicotomias de demandas que deve atender rapidamente. Assim, é importante considerar as conseqüências que estas transformações sociais, políticas e econômicas acarretam no cenário da produção de subjetividade, bem como quais serão as modalidades de padecimento psíquico que daí se originam.

Segundo Maia (2005), ao longo da história, cada época traz um ideário sobre o que, culturalmente, é esperado das individualidades. Dessa maneira, a autora salienta que a identidade construída na modernidade era unitária e fixa para toda a vida. Contava-se, naquele momento, com um cenário sócioinstitucional estável. As instituições, pelo fato de terem uma duração mais longa em anos do que o tempo médio de vida de seus cidadãos, podiam sustentar os projetos de fixação identitária das individualidades. A autora refere que, na modernidade, tudo o que estivesse fora de ordem deveria ser banido da sociedade; essa ordem dizia respeito à capacidade de utilizar a razão. Com a máxima “penso, logo existo”, proposta por Descartes em 1637, o ato de pensar oferecia uma possibilidade de liberdade e autoconhecimento para o indivíduo, que, então, não precisava mais prender-se às imposições religiosas da época. Contudo, ao enfatizar o aspecto da racionalidade, Macedo (2003) destaca que “o sujeito descuidou-se da subjetividade; ao insistir no predomínio dos discursos racionalistas, afastou-se da noção de alteridade como valor” (p. 164). Assim, a autora refere que o movimento humano reflexivo proporcionou avanços inegáveis em diversos campos do saber, mas também deixou o indivíduo sabendo cada vez menos sobre si mesmo.

No que diz respeito ao contexto contemporâneo, Macedo (2003) refere que este poderia ser considerado apenas como a extensão da modernidade, mas também pode ser compreendido como um período de transição e como uma tentativa de ruptura das idéias modernas, mesmo que influenciado para estas. Frente a avanços tecnológicos, ao fenômeno da globalização e o aumento desenfreado pelo consumo, os indivíduos foram se esquecendo de si mesmos e de suas verdadeiras necessidades a fim de estarem sempre prontos à chegada do novo, curiosos pelos constantes apelos que a mídia os convoca a atender. Bauman (2003) aborda algumas mudanças importantes decorrentes desta passagem, na qual “nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades ‘auto-evidentes’” (p. 06).

Segundo o autor, o mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis e projetados para a imediata obsolescência.

No mundo pós-moderno, conforme Bauman (2003), as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma peça de roupa. Nessa lógica, as ‘regras do jogo’ estão em constante mudança ao longo da vida, por isso os projetos individuais, ou os ‘jogos’, devem ser curtos, retratando a vida diária como uma sucessão de emergências menores. Maia (2005) salienta que, no contexto atual, as pessoas não devem precisar de pontos identitários de referência, ou seja, os projetos de vida individuais não encontram sustentação nas instituições coletivas. Para a autora, a incerteza é um sentimento comum entre os indivíduos, manifestada pela interrogação sobre qual seria o ideal de construção subjetiva que atenderia a uma melhor forma de existência. A certeza existente refere-se, segundo a autora, à convicção de que qualquer construção identitária ou projeto de vida precisa, necessariamente, manter-se contingente e pode não resultar em nada. Assim sendo, vive-se em um paradoxo, pois o processo de constituição da subjetividade pede tempo, e a cultura contemporânea pede instantaneidade (Maia, 2005). Nesse aspecto, Rolnick (1997) assinala a ocorrência de uma

“desestabilização exacerbada de um lado e, de outro, a persistência da referência identitária, acenando com o perigo de se virar um nada, caso não se consiga produzir o perfil requerido para gravitar em alguma órbita do mercado. A combinação desses dois fatores faz com que os vazios de sentido sejam insuportáveis. É que eles são vividos como esvaziamento da própria subjetividade” (p. 20).

Percebe-se que, ao não saber qual demanda atender, muitas vezes a escolha do sujeito recai sob a que lhe parece exigir menor dispêndio de energia e acena com um imediato resultado satisfatório. Nesse sentido, ao custo de sentir-se inserido, seja no espaço que for, o sujeito se molda, rapidamente, ao modelo identitário oferecido e associado com maior facilidade.

De acordo com Staudt (2007), a época atual se caracteriza por vivências de instabilidade e complexidade, bem como pelo sentimento de insegurança quanto à capacidade de se viver exitosamente. Conforme a autora, os papéis desempenhados nas diversas relações interpessoais estão cada vez menos definidos, e as gerações passadas já não servem como pontos de referência para atender às necessidades atuais. Machado (2008) apresenta alguns exemplos que podem ser destacados na sociedade contemporânea ocidental: no mundo corporativo, com a busca desenfreada pelo aumento da produtividade e a escala de produção em nível global, as empresas estão em constantes processos de fusão e aquisições. O Estado,

por sua vez, diminui de tamanho por meio de privatizações. Além disso, economias, antes prósperas, podem entrar em colapso do dia para a noite. Constata-se, na atualidade, que o ambiente coletivo é percebido com um estresse constante, através do risco associado à ocorrência de ações terroristas, assaltos, ou seja, pode ser palco de violência das mais diversas formas. Assim, o autor refere que o indivíduo contemporâneo vive dentro desse caos, sem ter tempo para família, para os filhos, para o lazer e, até mesmo, para uma reciclagem profissional.

O contexto contemporâneo é abordado nas reflexões de Bauman (1997), desde a perspectiva das possibilidades de realizações durante a vida, diante da vivência de mudanças constantes de valores que se desvalorizam e se dilatam. O autor analisa este tópico, questionando

“como pode alguém se preparar para a vocação da vida, se habilidades laboriosamente adquiridas se tornam dívidas um dia depois de se tornarem bens? Quando profissões e empregos desaparecem sem deixar notícias e as habilidades de ontem são os antolhos de hoje?” (p.112).

Na temática relativa às modalidades de relacionamentos na pós-modernidade, Bauman (1997) interroga: “todo o relacionamento não é senão um ‘simples’ relacionamento, isto é, um relacionamento sem compromisso e com nenhuma obrigação contraída, e não é senão amor ‘confluyente’ para durar não mais do que a satisfação derivada?” (p. 112). Esses pertinentes questionamentos do autor expressam a crua complexidade dos tempos atuais.

As transformações da sociedade alteraram os indicativos de sucesso na contemporaneidade, sendo estes não são mais buscados na própria vivência de satisfação. Torna-se necessário vencer o outro e ter mais que o outro, perdendo-se, assim, a capacidade de investir naquilo que diz respeito às modalidades de ser e predominando o desejo de receber admiração. Conforme Dockhorn e Macedo (2008), ao fascinar o olhar do outro, o indivíduo busca nessa imagem algo que o defina e dê contornos identitários para o seu vazio. Estabelece-se uma espécie de belicosidade social, conforme destaca Macedo (2003), à medida que os vínculos sociais foram debilitados, produzindo uma defesa narcísica frente à possibilidade de dependência. Mesmo que o indivíduo procure buscar relações sociais diante da inexistência de esperança nas soluções políticas, evidencia-se um desencanto nessas relações, pois a inveja e a exploração muitas vezes encobrem esses vínculos.

Constata-se, frente a essas demandas de excesso, que todas as inegáveis transformações culturais obrigam a uma reflexão sobre a condição humana. Essa reflexão diz respeito a modalidades de experiências inscritas no espaço intrasubjetivo, mas, também, aos

desdobramentos que se dão nas trocas intersubjetivas.

Tendo em vista as modificações culturais e sociais que perpassam o campo do ser na contemporaneidade, a Psicanálise se mostra como um saber pertinente acerca da especificidade do humano e, portanto, da sua singularidade no contexto atual. O sujeito, para a Psicanálise, não se estrutura a partir de um psiquismo fechado, mas sim aberto às transformações de seu entorno. Não se trata de atribuir um papel determinante ao ambiente, mas, sim de reconhecer que o sujeito se constitui como ser psíquico também pelos investimentos que recebe do outro e que são metabolizados intrapsiquicamente. Como afirma Hornstein (2008), “o sujeito somente é pensável imerso no histórico-social, entramando práticas, discursos, sexualidade, ideais, desejos, ideologia e proibições” (p.17) Assim, a complexidade de fatores que envolvem a constituição do sujeito permite afirmar a necessidade de refletir sobre a singular construção que resulta desse entramado.

Nesse sentido, Rozenthal (2009) refere que os padecimentos psíquicos da atualidade estão relacionados às restrições impostas à *criação de si*, ou seja, aludem à dificuldade de apreensão do real pela via da inscrição das intensidades pulsionais no psiquismo. Segundo o autor, o narcisismo desenfreado e o individualismo hostil ocuparam o lugar da argumentação e da interlocução típicas das relações intersubjetivas. Assim, o indivíduo contemporâneo substituiu a negociação dialogada pela atuação, impossibilitando a representação psíquica de intensidades implicadas no processo de construção de si mesmo de tal forma que veio a calar a sua própria subjetividade. Ao atuar, o indivíduo distancia-se de si e, conseqüentemente, do outro.

Segundo Roudinesco (2000), a sociedade contemporânea pode ser chamada de “sociedade depressiva”, pois tende a romper a essência da vida humana. Para a autora, entre o medo da desordem e a valorização de uma competitividade baseada no sucesso material, muitos são os sujeitos que preferem entregar-se a substâncias químicas a procurar um sentido para os seus atos e sentimentos. Conforme o pressuposto de Lasch (1991), de que “cada sociedade reproduz sua cultura – suas normas, seus supostos, suas formas de organizar a experiência - no indivíduo, na forma da personalidade” (p. 56), a Psicanálise, nesse sentido, apresenta-se como uma importante ferramenta de reflexão, pois está habilitada a fornecer uma leitura do sujeito nos tempos atuais e do tempo do sujeito na atualidade (Macedo, 2003). A Psicanálise propõe um saber ampliado e profundo sobre o sujeito, sua subjetividade e, portanto, inclui nessa reflexão os efeitos da cultura.

Dessa forma, cabe salientar que, no início do século XX, Sigmund Freud, ao propor a existência do inconsciente, provoca uma ferida narcísica para a sociedade da época, pois

sugere que o sujeito não é tão livre quanto pensa ser (Macedo, 2003). Portanto, Freud desvela um sujeito que age conforme determinações do inconsciente, o qual encobre desejos que não são acessados pela consciência e pela razão. No entanto, destaca-se que o sujeito, diante dos apelos de seus desejos inconscientes, também precisa adequar-se às demandas impostas pelo social. Dessa forma, é possível perceber o trabalho que é exigido ao psiquismo, uma vez que este terá em sua constituição instâncias reguladoras das ações do sujeito.

Nessa direção, cabe destacar as características que marcam a sociedade contemporânea ocidental, as quais, inevitavelmente, implicam um trabalho de metabolização para o sujeito. Debord (1997) refere que a sociedade atual pode ser denominada de *sociedade do espetáculo*, pois denota a exigência da contemplação como catalisadora dos laços sociais. Predomina, igualmente, a cultura do narcisismo, evidenciada por Lasch (1991) como sendo própria de um mundo centrado no Eu, no qual a individualidade é sempre autoreferente e a estetização é a finalidade maior do indivíduo. Dessa forma, ao necessitar ser contemplado e admirado narcisicamente, é furtada ao sujeito a possibilidade de expressão do seu sofrimento. Maia (2005) afirma que o indivíduo, aprisionado no mundo do espetáculo, devasta partes de sua experiência existencial humana, pois, atrelado à sedução das imagens, ele “se vê inibido em sua força desejante e, em conseqüência, sua vida fantasística e criativa sofre um esvaziamento” (p. 64). Assim sendo, a capacidade representacional do indivíduo também fica empobrecida, dificultando os seus processos de simbolização. Nesse sentido, o sujeito contemporâneo pode acabar sendo impedido de reconhecer suas demandas verdadeiras, ou seja, de adentrar o seu psiquismo e perceber a sua singularidade diante da homogeneidade na imposição de padrões da sociedade. Conforme Roudinesco (2000), o sujeito dos tempos atuais foge do seu inconsciente e preocupa-se em retirar de si a essência de todo o conflito. Neste aspecto, pode-se supor que, ao tentar esconder ou evitar todo e qualquer tipo de padecimento psíquico, mais sofrimento acaba sendo imposto ao sujeito.

No que concerne à associação entre produção de sofrimento e a cultura, Freud (1930/1974) postulou, em seu texto “O mal-estar na civilização”, que existe um fosso entre o indivíduo, que busca obter prazer, e a cultura, que exerce a função repressora desse movimento. Para o autor, a vida do ser humano é regida pelo princípio do prazer e pelo princípio da realidade. O princípio do prazer busca a satisfação pulsional do indivíduo, enquanto o princípio da realidade visa interditar certos desejos do indivíduo a fim de que este possa viver em sociedade. Dessa forma, percebe-se que os dois princípios se mantêm em um eterno conflito, pois o indivíduo não quer se privar de sua satisfação, mas, ao mesmo tempo, lhe é exigido que se adapte à civilização. Entretanto, tendo em vista o fato de que, na

contemporaneidade, o sujeito busca se afastar de qualquer modalidade de conflito, o que resta é buscar uma alternativa de anulação, via anestesiamento ou via exacerbação de euforia oferecida pela utilização de alguma substância que lhe viabilize o distanciamento de si mesmo.

Apesar desse cenário de excessos, a Psicanálise, para Roudinesco (2000), segue vigente na sociedade contemporânea por compreender um método baseado na fala e, portanto, um tratamento em que se verbaliza o sofrimento, buscando palavras pelas quais este possa ser expresso e, principalmente, sentido. Dessa maneira, a partir da escuta psicanalítica, o sujeito pode tomar consciência da origem de seu padecimento, a fim de assumi-lo na tentativa de significá-lo e compreendê-lo genuinamente. Rozenthal (2009) destaca que a experiência analítica deve priorizar o afeto, de forma a fazer com que as intensidades psíquicas que se encontram no limiar do excesso e que, portanto, não podem ser faladas, possam, então, ser legitimamente sentidas. Para o autor, o analista empresta o seu corpo para ser afetado e acolhe as sensações do indivíduo no encontro transferencial. Em contrapartida, o indivíduo se depara com um espaço no qual é permitido afetar e também ser afetado. O agenciamento da potência desse encontro tem a capacidade de promover outro destino para as intensidades que não a via de anestesiamento ou distanciamento de si mesmo. A condição de apropriar-se de si mesmo é o que a Psicanálise oferece ao sujeito, diferentemente das formas paliativas que se encontram à disposição neste cenário atual de excessos. Não se trata da proposição de modelos ou fórmulas a seguir, mas, sim de criar recursos de acesso à capacidade interrogativa a respeito de sua condição de ser.

Especificidades do processo de subjetivação masculina sob a ótica da Psicanálise

Cabe ressaltar, conforme atenta Bleichmar (2007), que a teorização a respeito da constituição da identidade masculina foi dada por simples e evidente, não suscitando maiores interesses e curiosidades na comunidade psicanalítica. Segundo Afonso (2007), a preocupação com a reformulação de aspectos referentes ao falocentrismo na Psicanálise e a conseqüente centralização nas questões femininas parecem ter deixado os homens fora do discurso psicanalítico por bastante tempo. Nesse contexto, torna-se fundamental analisar tanto os aspectos da subjetividade masculina quanto o intrincado jogo de demandas sociais, culturais e históricas que se relacionam à construção da masculinidade. Dessa forma, é necessário abarcar os fatores internos, relacionados ao psiquismo, bem como os fatores externos, relacionados ao social, numa tentativa de contribuir para uma compreensão mais abrangente acerca do complexo processo da masculinidade.

Assim sendo, como a questão da construção psíquica se encontra sempre inserida num contexto social, faz-se necessário examinar como se dá o processo de socialização através do qual o menino será transformado em um homem adulto. Segundo Wang, Jablonsky e Magalhães (2006), este processo contará com a participação ativa de todos aqueles que lidam direta ou indiretamente com ele e será responsável por sua aproximação com os ideais culturais da sociedade da qual faz parte. Para os autores, estes ideais definem papéis, prescrevem padrões e normas de comportamento que fazem parte de um sistema de crenças que será lenta e continuamente apresentado ao menino.

A Psicanálise contribui de forma significativa com aportes que contemplam e instrumentalizam uma leitura aprofundada e ampla a respeito desse processo. Segundo Ceccarelli (1998), é essencialmente através da relação do menino com seu próprio pai, ou com aquele que assume esta função, que o menino, por meio de processos identificatórios, construirá sua masculinidade dentro das particularidades do sistema social no qual está inserido. Ao mesmo tempo, a construção da masculinidade é profundamente dependente da maneira como o pai ou pessoa cuidadora investe o filho. Para o autor, na relação pai/filho se reatualizam os conflitos que marcaram a relação deste pai, por exemplo, com seu próprio pai, o que faz que a relação pai/filho seja, tanto de um lado quanto de outro, marcada pela ambivalência. Conforme Ceccarelli (1998), se o pai não cumpre sua função de objeto identificatório - o pai que castra, mas que também protege - o filho terá dificuldade de lidar com as angústias geradas na situação edipiana. Isto poderá apresentar conseqüências não apenas na construção de masculinidade, mas também na maneira que o sujeito vive "concretamente" sua sexualidade, bem como na aquisição do sentimento de identidade sexual. Além disso, o autor assinala ser na relação da criança com o seu pai que se constituirá o protótipo das relações do sujeito com outros homens.

Nessa direção, Silvia Bleichmar, psicanalista argentina, ao atentar para as modalidades de padecimento masculino oriundos de sua experiência clínica, pôde contribuir com relevantes aportes teóricos a respeito da aquisição da masculinidade. Para Bleichmar (2006), a constituição da sexualidade masculina é vivida de maneira paradoxal e complexa pelo menino. A autora também cita a ambivalência característica da identificação masculina, já que o menino precisa ser como o pai, enquanto sujeito sexuado e, ao mesmo tempo, não pode ser como o pai, enquanto sujeito possuidor da mãe. Portanto, para que o menino deixe de rivalizar com o pai e possa se identificar com ele, há a necessidade de um enlace amoroso que se sobreponha à rivalidade. Segundo a autora, toda a identificação remete a uma introjeção, e esta alude a um modo de apropriação simbólica do objeto do qual o outro é portador. Assim, a

constituição da sexualidade masculina apresenta uma conflitiva específica, pois para o menino torna-se sexualmente potente, ele precisa passar pela incorporação anal simbólica do pênis paterno. Nesse processo, segundo Bleichmar (1993), a passividade é considerada constitutiva e estrutural para o menino, o qual “não pode aceder à masculinidade senão através da incorporação fantasmática do pênis paterno que oferece sua potência articuladora ao mesmo tempo que submete analmente nos intercâmbios que abrem os circuitos da masculinização” (p.192). Dessa forma, a incorporação introjetiva deixa, segundo a autora, a masculinidade entregue ao fantasma paradoxal da homossexualidade. Para Bleichmar (1993), dependerá das vicissitudes e dos encadeamentos dos movimentos constitutivos para a presença do pai facilitar o desenvolvimento de condições estruturantes e saudáveis ou, ao contrário, de condições mais voltadas para o nível patológico.

Ao aludir à formação da identidade masculina, Ceccarelli (1998), refere que a aquisição da virilidade nos homens nunca é definitivamente adquirida, devendo ser constantemente reconquistada. Pode-se pensar que a valorização social de alguns comportamentos masculinos violentos esteja vinculada a essa errônea associação com virilidade. Por isso, muitas vezes acaba sendo socialmente valorizado que o homem manifeste características consideradas como viris, tais como a agressividade, o distanciamento emocional e a coragem. Assim sendo, torna-se comum a associação entre violência e masculinidade, bem como a aceitação desse enlace. Sobre esse aspecto, Nolasco (2001) enfatiza que “o envolvimento dos homens em situações de violência está relacionado ao esforço empreendido pelo sujeito para manter sua forma de homem dentro da cultura da qual faz parte” (p.14), ponderando que o homem utiliza a violência como uma possibilidade de responder às demandas de seu papel social.

Ceccarelli (1988) constata ser crescente o número de meninos que são encaminhados para psicoterapia por apresentarem dificuldades na construção da identidade, o que torna necessário focar a importância da qualidade de relação dessas crianças com a figura masculina e, conseqüentemente, a capacidade da figura paterna de servir, ou não, de suporte identificatório. Dessa forma, é importante atentar para as transformações que estão ocorrendo no campo do ser e as conseqüências para a subjetividade masculina que se produzem no cenário contemporâneo.

Segundo Machado (2008), abordar a construção da identidade e da subjetividade masculina exige uma análise histórica e cultural. O autor refere que a formação da masculinidade na sociedade ocidental foi delineada por um processo histórico através da cultura patriarcal, em que se estabelecia uma hierarquia entre homens e mulheres. O patriarcado caracteriza-se por uma organização social baseada no poder do pai, e a

descendência e parentesco seguem a linha masculina. Nessa lógica, as mulheres são consideradas inferiores ao homem e, por conseguinte, subordinadas à sua dominação. Birman (2000) explicita que, na família nuclear moderna, havia uma divisão rigorosa entre os poderes maternos e poderes paternos. A figura paterna se inscrevia no registro da governabilidade do espaço público, enquanto a figura materna se inseria no domínio do espaço privado, exclusivamente no campo da família. Para Bleichmar (2007), o investimento fálico no pênis gerou uma representação na sociedade patriarcal de que o homem era um ser completo e que ele poderia exhibir e ofertar seu órgão sexual para a mulher, como um objeto de completude para esta.

Assim sendo, aludindo à teoria da castração, os homens são considerados como o sexo forte, enquanto sujeitos possuidores do falo. Em oposição, as mulheres seriam o sexo débil, pois são consideradas castradas (Jerusalinky, 2007). Entretanto, Arent (1999) refere que a teoria da castração acaba se mostrando contraditória, pois, ao ser falocêntrica, castra o homem. A autora salienta que a exacerbação de uma parte do corpo, em detrimento das outras, prejudica a vivência de uma masculinidade integrada. Nesse sentido, as limitações impostas ao gênero masculino interditam o homem de sentir prazer em situações que não são consideradas viris, tais como o cuidado com a prole e com a esfera doméstica (Arent, 1999). Silva (2006) complementa tal pressuposto, referindo que a definição da masculinidade apresenta uma polaridade negativa, na qual o homem é impedido de exercer diversas atividades, tais como: “não poder chorar, não demonstrar seus sentimentos, não ser mulher ou homossexual, não amar as mulheres como as mulheres amam os homens, não ser um fraco, covarde, perdedor e passivo nas relações sexuais, etc” (p. 127).

Ao homem coube desempenhar um papel estereotipado de força, poder, energia, vigor, potência, domínio, virilidade e repressão de sua sensibilidade (Machado, 2008). Entretanto, Staudt (2008) refere que, nos dias de hoje, esses padrões comportamentais começaram a ser repensados e modificados. Bleichmar (2007) constata que os tempos contemporâneos são marcados pela substituição da fórmula ‘pênis-potência’ para a fórmula ‘dinheiro-potência’. Dessa maneira, pode-se supor a manifestação de implicações na subjetividade masculina em decorrência desta troca. Nesse sentido, Nolasco (1993) destaca a ocorrência de uma ‘autorização social’ para que os homens participem de atividades até então consideradas femininas. Dessa forma, Machado (2008) exemplifica que alguns homens já estão voltados para atividades domésticas, como cuidar dos filhos e dos afazeres gerais da casa. Por outro lado, as mulheres, que, até pouco, tempo tinham suas atividades restritas ao âmbito familiar, atualmente freqüentam a universidade em busca de uma profissão e ocupam cargos

executivos de elevada responsabilidade.

As mulheres buscaram se constituir como singularidades, reivindicando poderes iguais aos do homem, tanto no espaço da casa quanto do trabalho. Esse processo produziu uma transformação inquestionável na ordem familiar, alterando significativamente as relações conjugais e parentais. Na família pós-moderna, os projetos existenciais singulares têm prioridade sob o cuidado da família, denotando uma fragilidade nos investimentos afetivos (Birman, 2006). Segundo Roudinesco (2003), na família dita contemporânea, a autoridade paterna sofreu um ‘amesquinamento’, sendo visível o enfraquecimento da figura do pai. Jerusalinsky (2007) atribui tais fatores ao declínio do império patriarcal registrado nas sociedades ocidentais. Portanto, a complexidade dos efeitos das transformações sociais e culturais no terreno psíquico denunciam a impossibilidade de uma leitura simplificada dos fatores envolvidos. Ao se considerar a imposição de novos modelos, pode-se pensar que um comportamento diverso ocorra, mas também que seja originado de uma estereotípia, ou seja, excluindo qualquer movimento de maior implicação afetiva do sujeito.

O novo estado de igualdade dentro do casamento, na profissão e na vida social, e até mesmo na vida sexual, trouxe uma maior independência e maior liberdade para ambos os sexos, indicando progressos nas relações sociopsicológicas entre homens e mulheres. Considerando o padrão de masculinidade pertencente às sociedades patriarcais e às novas demandas feitas aos sujeitos pela sociedade contemporânea, a “nova masculinidade” requer do homem sensibilidade, mas sem o comprometimento de sua virilidade (Nolasco, 2001). Entretanto, Arent (1999) refere que o rechaço aos protótipos patriarcais feminino e masculino não foi concomitante à emergência de novos modelos do que é ser homem. Tal situação representa para o homem o abandono de uma posição histórica e socialmente instituída de poder e superioridade. Para Burin (2000), a ruptura de um processo identificatório anterior deixa os sujeitos em um estado crítico perante a diferença, como também perante a necessidade de encontrar novas identificações que lhes garantam novos posicionamentos no gênero masculino. Todo esse processo crítico se sintetiza em um estado de crise vital cuja consequência pode ser um significativo incremento da confiança sobre os seus recursos, ou um prejuízo no equilíbrio mantido anteriormente, acarretando grande sofrimento psíquico.

Dessa forma, torna-se relevante indagar, neste cenário contemporâneo, quais são os efeitos destas complexas demandas sob a produção da identidade masculina e, também, questionar qual é a forma de implicação efetiva do homem nesse processo. A análise de tais aspectos pode fornecer recursos para compreender mais claramente as modalidades de padecimento psíquico que daí se originam.

Ultimamente, o homem está atravessando uma “crise da masculinidade” (Ceccarelli, 1998; Wang, Jablonsky e Magalhães, 2006; Machado, 2008). Nesse sentido, os homens estão sendo levados a repensar os limites de seus próprios direitos e obrigações, bem como a repensar suas necessidades individuais para além dos estereótipos instituídos pela lógica patriarcal; estão sendo levados, enfim, a repensar as bases de sua própria identidade.

Com as conquistas femininas, as mulheres repensaram seu papel, enquanto os homens perderam alguns espaços - principalmente a hegemonia do patriarcalismo - e procuraram se adaptar gradativamente (Machado, 2008). Indubitavelmente, o feminismo colocou em pauta uma série de questões fundamentais à revisão dos papéis de gênero, instituídos pelo patriarcado, e das relações de poder que dele advêm. Entretanto, reduzir o fenômeno que alguns autores denominaram “crise de masculinidade” somente em decorrência das transformações resultantes do feminismo parece insuficiente, uma vez que todas as pessoas, independente do gênero, estão vivendo uma redefinição do próprio sentido de identidade, como resultado de uma “radicalização do individualismo”, que expõe subjetividades cada vez mais voláteis e instáveis (Wang, 2004). Portanto, a crise masculina não se mostra como um fenômeno isolado, pois esta em crise parece ser um estado típico da contemporaneidade.

No que concerne à crise da masculinidade, Jerusalinsky (2007) propõe que o homem está cansado de ter que exercer o fardo relativo à virilidade, sustentando o lugar da supremacia. Para o autor, o exercício do poder, em termos de ser o possuidor do falo, cobra o seu preço. Nesse sentido, o autor refere que manter a posição masculina no campo da virilidade sempre impôs muito trabalho aos homens, pois define que “a virilidade é ir ao campo da castração e voltar inteiro, ou com feridas, sem se queixar delas, ou ir à guerra e voltar vivo, voltar mutilado e ainda ser um homem. Inteiro enquanto sujeito (p. 54)”. Assim sendo, o autor questiona se o homem dos tempos atuais não está se recusando a continuar exercendo o poder, além de investir simbolicamente em uma posição mais ‘feminilizada’ da sua masculinidade.

A especificidade das temáticas com as quais o homem precisa se ocupar na trajetória de repensar as bases de sua identidade remete à relevância da inclusão de uma reflexão que contemple suas demandas e fragilidades psíquicas. Deixar estes aspectos à margem desse processo significa reduzir a complexidade presente na identidade humana. Segundo Dockhorn e Macedo (2008), a “Psicanálise, ao dar destaque ao singular, cria um espaço de atenção e cuidado ao processo de construção da subjetividade, permanentemente convocada à massificação pela cultura atual” (p. 217). Nesse sentido, reafirma-se que a Psicanálise,

enquanto método, teoria e prática, segue como um privilegiado e vigente recurso de reflexão e intervenção a respeito das complexas temáticas que marcam os tempos atuais.

Considerações Finais

Diante do cenário contemporâneo, ao mesmo tempo promissor e caótico, a imagem do homem perdido e amedrontado poderia ser apenas mais uma num universo habitado por subjetividades fragmentárias, instáveis e voláteis. O homem contemporâneo acaba não tendo tempo para si e passa muito tempo tentando distanciar-se tanto de um outro quanto de si mesmo. Conforme destaca Macedo (2003), o sujeito “precisa correr tanto que já não sabe se a pressa tem a ver com o que busca ou se está aprisionado na impossibilidade de parar por não saber o que encontrará ao olhar-se” (p.174).

Apesar do cunho negativo da palavra “crise”, Ceccarelli (1998) refere que estas refletem a necessidade de mudar valores dominantes, e que elas podem ter conotação positiva, pois traduzem uma abertura para uma nova concepção em questão. Qualquer mudança, entretanto, gera angústia, já que implica o desinvestimento libidinal de antigas posições em detrimento de novas. A crise da masculinidade não escapa à regra.

A crise masculina diz respeito à instauração de uma nova ordem, que questiona e desconstrói o paradigma de hierarquia e do autoritarismo que fundamentava a tradicional sociedade ocidental. Um período de crise pode ser, dessa forma, muito profícuo. No momento em que o homem é levado a repensar os limites de seus próprios direitos e obrigações, bem como suas necessidades individuais para além dos estereótipos patriarcais, abre-se a possibilidade de novas formas de subjetivação. Não se pretende afirmar que, em decorrência desses tempos contemporâneos, resulte apenas na produção de subjetividades empobrecidas ou voláteis. Ao contrário, pensa-se que é a partir um processo reflexivo genuíno a respeito desses efeitos que poderá advir um sujeito mais apropriado de si mesmo e, portanto, apto a usufruir com mais satisfações do campo da alteridade.

Neste estudo não se teve a pretensão de esgotar a amplitude de abordagem e compreensão desse fenômeno, tampouco reduzir sua complexidade, mas sim de reconhecer a impossibilidade de adiar um movimento de implicação reflexiva do próprio homem na produção de sua forma de ser e estar no mundo. As ferramentas disponibilizadas pela Psicanálise, ao terem como ponto de partida a demanda do sujeito de conhecer a si mesmo, pode ser um recurso de construção dessa nova forma de gerir seus desejos e ansiedades. Trata-se de assumir que conhecer a si mesmo não é seguir uma fórmula que traga em si um manual de procedimentos com receitas infalíveis para o sucesso, mas, ao contrário, pressupõe

dar espaço para aquilo que marca sua diferença em relação ao outro. Esse processo de reconhecimento das diferenças possibilita o acesso ao campo da alteridade, no qual as relações podem ser regidas por outras lógicas que não a da fluidez, do espetáculo ou do fascínio. Trata-se da possibilidade de existir primeiro para si para depois experimentar *ser em relação* com o outro.

Referências

- Afonso, J. (2007). Masculino e feminino: Alguns aspectos da perspectiva psicanalítica. *Análise Psicológica*, 15(3), 331-342.
- Amaral, A. M. (2000). Da patologia das sociedades civilizadas. In: L. B. Fuks & F. C. Ferraz (Orgs.) *A clínica conta histórias*. (pp. 247-260) São Paulo: Escuta.
- Arent, M. (1999). A crise do macho. In: A. Roso; F. Mattos; G. Werba & M. Strey (Orgs). *Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 119-131.
- Bauman, Z. (1997). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2003, 19 outubro). A Sociedade Líquida. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, p. 5-9.
- Birman, J. (2000). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. (2rd ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2006). Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: M. R. Cardoso. *Adolescentes* (pp.25-43). São Paulo: Escuta.
- Bleichmar, S. (1993). *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bleichmar, S. (2006). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Burin, M. (2000). Atendiendo el malestar de los varones. In: M. Burin & I. Meler. *Varones: género e subjetividad masculina* (pp. 339-364). Buenos Aires: Paidós.
- Ceccarelli, P. (1998). A masculinidade e seus avatares. *Catharsis*, 19(4), 10-11.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dockhorn, C. & Macedo, M. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. *Revista Argumento Psicologia*, 54(26), 217-224.
- Freud (1930/1974) O mal estar na civilização. In: J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI pp.67-148). Rio de Janeiro: Imago.
- Hornstein, L. (2008). *As Depressões: afetos e humores do viver*. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudos Psicanalíticos.
- Jerusalinsky, A. (2007). *Seminário V: O declínio do império patriarcal*. São Paulo: USP, Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida.
- Lasch, C. (1991). *La cultura do narcisismo*. Barcelona: Andrés Bello.

- Lima, A. A. S. (2000). A produção paradoxal do nosso tempo: intensidade e ética. In: L. B. Fuks & F. C. Ferraz (Orgs.) *A clínica conta histórias*. (pp. 233-246) São Paulo: Escuta.
- Nolasco, S. (1993). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Nolasco, S. (2001). *De Tarzan a Homer Simpson*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Macedo, M. M. K., (2003). Uma leitura psicanalítica sobre o sofrimento na pós-modernidade. In: P. Guareschi; A. Pizzinato, L. Krüger & M. Macedo. *Psicologia em Questão: reflexões sobre a contemporaneidade* (pp. 163-175). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Machado, F. (2008). Grupo de homens: repensando o papel masculino na sociedade contemporânea. [Versão Eletrônica] *Pesquisa Psicológica: Revista Científica de Psicologia*. 2(1), 1-31.
- Maia, M. (2005). *Extremos da Alma: dor e trauma na atualidade da clínica psicanalítica*. (2nd ed.) Rio de Janeiro: Garamond.
- McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rolnick, S. (1997). Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: D; Lins (Org.). *Cultura e subjetividade: Saberes Nômades* (pp. 19-24). Campinas: Papyrus.
- Rozenthal, E. (2009). Cuidado de si e cuidado do outro: sobre Foucault e a Psicanálise. In: Maia, M. (Org.). *Por uma ética do cuidado* (pp.225-250). Rio de Janeiro: Garamond.
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Silva, S. G. (2006). A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(1), 118-131.
- Stoller, R. (1985). *Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Studt, A. C. P. (2007). Novos tempos, novos pais? O ser pai na contemporaneidade. Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Wang, M. L. (2004). Os Últimos Românticos? Um estudo sobre masculinidade e expressão do sentimento amoroso. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Wang, M. L.; Jablonski, B. & Magalhães, A. (2006). Identidades Masculinas: limites e possibilidades. *Psicologia em Revista*. 19(2), 54-65.

SEÇÃO II

A ESCUTA DO MASCULINO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA: SINGULARIDADES DE UM PADECER

Introdução

O sujeito contemporâneo, inserido em uma dinâmica de convívio marcada por instabilidades, pela vigência do efêmero, do fragmentário, do caótico, depara-se com novas demandas psíquicas, políticas e sociais. Estas diversidades evidenciam-se por meio de indagações a respeito das modalidades de ser e estar no mundo (Dockhorn e Macedo, 2008; Studt, 2007). Tais mudanças se refletem diretamente na saúde psíquica dos indivíduos. Os papéis sociais, políticos e culturais desempenhados pelo indivíduo estão em contínuo processo de reconstrução, incluindo-se, portanto, nesse contexto, relevantes reflexões a respeito do papel masculino na contemporaneidade.

No cenário atual constata-se que o homem está atravessando uma “crise da masculinidade” (Machado, 2008; Wang, Jablonski e Magalhães, 2006; Cecarelli, 1998). Percebe-se que a definição do que é próprio da natureza do homem tem sofrido mudanças ao longo das últimas décadas. Se, antigamente, a masculinidade era caracterizada por poder, força e virilidade, hoje em dia são diversas as definições que se cruzam para dar conta do que é ser homem. Segundo Dorais (1988), nos últimos anos, a condição feminina e a condição masculina evoluíram mais do que nos séculos precedentes. Assim, de acordo com o autor, não há como permanecer indiferente frente a essas modificações. Conforme Araújo (2005), as mudanças provocadas pelo feminismo desestabilizaram o modelo masculino tradicional e impuseram a necessidade de sua revisão. Dessa forma, percebe-se o surgimento de tensões entre os padrões tradicionais da identidade masculina e a possibilidade de se viver novas formas de ser homem na cultura ocidental (Gomes, 2003).

Desse modo, o homem vê-se levado a repensar os limites de seus próprios direitos e obrigações, bem como é exigido no sentido de reconsiderar suas necessidades individuais para além dos estereótipos instituídos pela lógica patriarcal. O homem dos tempos atuais está, portanto, sendo obrigado a refletir sobre as bases de sua própria identidade. Com as conquistas femininas, as mulheres ressignificaram seu papel individual e de forma coletiva. Em decorrência disso, os homens perderam alguns espaços - principalmente a hegemonia do patriarcalismo - e procuraram se adaptar, gradativamente, aos novos tempos (Machado, 2008). Nessa direção, as transformações desencadeadas pelas mulheres implicaram em dúvidas sobre a existência de uma natureza ou uma essência masculina supostamente agressiva, competitiva e conquistadora. Da mesma forma, as mulheres também puderam ensinar aos homens a perguntarem sobre si mesmos e a falarem sobre si próprios, atos com os quais eles não estavam acostumados (Trevisan, 1998).

Em conseqüência da ausência de preparação para essa mudança, o sujeito, muitas vezes,

pode vivenciar um estado de “atordoamento” frente às dicotomias das demandas às quais é convocado a, rapidamente, atender. Tais constatações permitem afirmar a necessidade e a relevância de estudos relacionados às modalidades de padecimento psíquico masculino próprias desta época.

No que diz respeito à constituição da identidade de gênero, Pedro e Grossi (1998) sustentam que, apesar das divergências em torno da forma de se conceituar o gênero, há alguns pontos de convergência entre as diversas teorias. A partir da incorporação da subjetividade na análise científica, as correntes teóricas se sustentam em uma postura relativista, concordando que o indivíduo é fruto de determinações culturais e históricas, rompendo com a perspectiva naturalista, a qual pressupõe homens e mulheres em identidades fixas, determinadas pela natureza.

Nessa direção em que se destacam os aspectos da subjetividade humana, a Psicanálise se apresenta como um valioso recurso de leitura tanto do processo de subjetivação quanto da dinâmica dos padecimentos psíquicos. A Psicanálise, que nasce a partir das inquietações de Sigmund Freud na clínica da histeria, enquanto teoria, método e técnica que se propõe a pensar o humano e as especificidades psíquicas, não pode se furtar a lançar seu olhar em relação às modalidades contemporâneas de padecimento no cenário da masculinidade. Assim, Kehl (1996), ao se referir à teoria freudiana, cita que a constituição da identidade sexual se dá através do recalque dos amores edípicos e, conseqüentemente, pela identificação aos ideais parentais de gênero, dados pela cultura. Desse modo, não se nasce homem ou mulher: torna-se homem ou mulher, a partir da finalização de um percurso psíquico que exige o abandono das disposições bissexuais primárias, das potencialidades polimorfos e da indiscriminação infantil. Sob essa ótica, a Psicanálise abarca a complexidade do processo de produção de subjetividade, assim como destaca a importância das relações no campo intersubjetivo que se dão permeadas pelos efeitos de uma cultura e de uma época.

Este estudo tem, portanto, o objetivo de compreender as configurações de padecimento psíquico masculino que se fazem presentes na clínica psicanalítica contemporânea. Para tal, buscou-se entrevistar psicanalistas os quais, a partir da escuta de demandas e padecimentos masculinos, permitissem realizar reflexões a respeito desta especificidade de prática clínica com homens.

Método

Participaram do estudo 10 psicanalistas, localizados por conveniência, independentemente da instituição formadora, com experiência de um período mínimo de 10

anos de prática clínica no atendimento a pacientes homens. Após aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Anexo A), foram contatados os psicanalistas por indicação de seus pares. No contato pessoal inicial com os possíveis participantes, foram esclarecidos os objetivos e procedimentos da investigação. Obtida a concordância em participar, foram marcadas as entrevistas em locais convenientes para os entrevistados.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), bem como participaram de uma entrevista semiestruturada de questões abertas, na qual foram contemplados os seguintes tópicos: (1) particularidades que levam um homem a buscar atendimento psicanalítico; (2) demandas psíquicas apresentadas por pacientes homens em relação com o contexto contemporâneo; (3) relação entre o papel masculino e o sofrimento psíquico; (4) singularidade das configurações de padecimentos psíquicos de pacientes masculinos sob o olhar da Psicanálise e (5) interrogações teóricas e técnicas oriundas da escuta psicanalítica de pacientes masculinos. As entrevistas foram gravadas em áudio após a devida autorização do participante e, posteriormente, transcritas. A análise destas permitiu a identificação de conteúdos que foram codificados em categorias de respostas por meio da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1991), na proposta de Moraes (1999). O processo de análise dos dados é dividido por Moraes (1999) em cinco etapas: a preparação das informações; a unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; a categorização ou classificação do conteúdo em unidades; a descrição e a interpretação.

Na preparação das informações se identificam as diferentes amostras de informações a serem analisadas, a partir da leitura de todo material coletado. Nesse momento, inicia-se o processo de codificação dos materiais, estabelecendo um código que permita identificar rapidamente cada elemento da amostra e que seja representativo e pertinente ao objetivo da análise. Nessa etapa os materiais são transformados para se constituírem em informações possíveis a serem submetidas à análise de conteúdo.

A fase de unitarização é o momento em que se definem as unidades de análise - que consiste nos elementos unitários de conteúdo que serão submetidos posteriormente à classificação. É caracterizada pela releitura cuidadosa dos materiais, identificando as unidades de análise (definidas a partir da natureza do problema, dos objetivos da pesquisa e do tipo de materiais a serem analisados). Então, é isolada cada uma das unidades e definidas as unidades de contexto, que são mais amplas e que servirão de referência.

Na etapa de categorização, pressupõe-se o trabalho de identificação e codificação de todas as unidades de análise. Os dados considerados comuns são agrupados por semelhança ou analogia, a partir de critérios válidos e adequados.

A descrição consiste em comunicar o resultado do trabalho de definição e identificação do material. Para cada categoria é realizado um texto síntese, explicitando o conjunto de significados presentes nas unidades de análise incluídas em cada uma delas.

A última etapa é a interpretação, quando se atinge uma compreensão mais profunda do conteúdo das mensagens através de recursos como a inferência e a própria interpretação. Moraes (1999) salienta que a interpretação deve ser realizada tanto sobre os conteúdos manifestos como também sobre os latentes. No momento da interpretação, foi utilizada a teoria psicanalítica para melhor compreensão do material obtido, pois, como salientam Dockhorn e Macedo (2008), a Psicanálise demarca-se eficientemente como uma ferramenta de reflexão, entendimento e questionamento dos fenômenos humanos.

Resultados e Discussão

Os dados sociodemográficos que caracterizam os participantes deste estudo podem ser observados na Tabela 1:

Tabela 1. Sumarização dos dados dos participantes obtidos na entrevista.

Participante	Sexo	Idade	Graduação	Tempo de Graduação	Tempo de prática clínica
1	Masculino	79 anos	Medicina	55 anos	44 anos
2	Masculino	63 anos	Medicina	36 anos	35 anos
3	Feminino	61 anos	Psicologia	36 anos	29 anos
4	Feminino	58 anos	Psicologia	33 anos	33 anos
5	Masculino	55 anos	Medicina	32 anos	32 anos
6	Feminino	54 anos	Psicologia	32 anos	31 anos
7	Masculino	48 anos	Medicina	26 anos	20 anos
8	Feminino	48 anos	Psicologia	24 anos	24 anos
9	Masculino	44 anos	Psicologia	15 anos	14 anos
10	Feminino	33 anos	Psicologia	12 anos	11 anos

A idade média dos participantes deste estudo é de 54,3 anos. A média de tempo de graduação é de 30,1 anos. A média de tempo de atendimento na clínica psicanalítica é de 27,3 anos. Cinco dos participantes são do sexo masculino e cinco são do sexo feminino, sendo destes, quatro médicos psiquiatras e seis psicólogos, todos com experiência na clínica psicanalítica de, no mínimo, dez anos.

Após a leitura do material obtido nas dez entrevistas, foram definidas as unidades de significado, as quais, por sua vez, foram organizadas em categorias iniciais. A descrição de cada categoria final (ver Quadro 1) foi estruturada a partir das categorias intermediárias que lhe deram origem e, com a finalidade de proporcionar rigor e validade às categorias, foram transcritas, de forma fiel, algumas verbalizações dos participantes entrevistados.

Quadro 1. Categorização Inicial, Intermediária e Final dos dados obtidos nas dez entrevistas com os participantes do estudo.

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Modificações e especificidades do papel feminino	Transformações e especificidades do papel masculino e do papel feminino e seus efeitos nas relações interpessoais	Demandas da contemporaneidade: efeitos no campo intersubjetivo
Modificações e especificidades do papel masculino		
Descompasso entre homens e mulheres		
Comparação com as especificidades femininas para explicar as questões masculinas		
Contemporaneidade marcada pela imposição de padrões	Aspectos da contemporaneidade no cenário de excessos	
Contemporaneidade marcada pela prioridade da individualidade em detrimento da alteridade		
Contemporaneidade marcada pela não-castração do sujeito		
Contemporaneidade marcada por uma maior igualdade entre os sexos	Avanços e conquistas decorrentes da contemporaneidade	
Flexibilização de papéis nas novas configurações familiares		
Insegurança masculina frente à mudança de paradigmas	Efeitos psíquicos na identidade masculina decorrentes das transformações contemporâneas	
Desestabilização masculina frente ao novo papel da mulher		
Criação pelo sujeito de um ideal masculino marcado pela vigência da plenitude e da perfeição		
Falta da figura paterna como um modelo masculino a seguir		
Prejuízo na intimidade e na capacidade de vincular-se afetivamente		
Problemáticas masculinas em relação à vida afetiva/amorosa e ao exercício da paternidade		
Problemáticas masculinas em relação à sexualidade, potência e virilidade		
Problemáticas masculinas contemporâneas relacionadas ao narcisismo		
Importância do exercício laboral na identidade masculina		
Queixas relacionadas à depressão		Padecimentos intrapsíquicos nomeados e identificados no cenário masculino
Conflitivas no terreno da sexualidade		
Sentimento de desamparo		
Uso de drogas		
Angústia pela sensação de não atender os ideais sociais		
Angústia como propulsora para o tratamento		
Demanda de análise como um trabalho de desvelamento do real padecimento		
Demanda de análise como um trabalho de descoberta do si mesmo		
Qualidade da escuta psicanalítica	Exigências éticas da escuta analítica na clínica do masculino	A vigência da Psicanálise como recurso ético na clínica contemporânea do masculino
Analista considerando sua própria implicação na contemporaneidade		
Especificidades do atendimento psicanalítico com pacientes homens		
A transferência como recurso essencial do processo analítico		
Necessidade de repensar a teoria psicanalítica para atender às novas demandas		
Ampliação do acesso à Psicanálise	Necessidade de cuidado e manutenção do potencial inovador e criativo da Psicanálise	
Necessidade de flexibilização do setting analítico		
Transformações na busca por tratamento		
Psicanálise: prática clínica que constrói teoria		
Espaço analítico situando-se na contramão das imposições da contemporaneidade		

A primeira categoria final foi nomeada “**Demandas da contemporaneidade: efeitos no campo intersubjetivo**”, que derivou das categorias iniciais e intermediárias do quadro abaixo:

Quadro 2. Dados referentes à Categoria Final 1

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Modificações e especificidades do papel feminino	Transformações e especificidades do papel masculino e do papel feminino e seus efeitos nas relações interpessoais	Demandas da contemporaneidade: efeitos no campo intersubjetivo
Modificações e especificidades do papel masculino		
Descompasso entre homens e mulheres		
Comparação com as especificidades femininas para explicar as questões masculinas		
Contemporaneidade marcada pela imposição de padrões	Aspectos da contemporaneidade no cenário de excessos	
Contemporaneidade marcada pela prioridade da individualidade em detrimento da alteridade		
Contemporaneidade marcada pela não-castração do sujeito		
Contemporaneidade marcada por uma maior igualdade entre os sexos	Avanços e conquistas decorrentes da contemporaneidade	
Flexibilização de papéis nas novas configurações familiares		

A diversidade presente nas relações interpessoais, principalmente nas relações familiares, é um dos marcos da contemporaneidade. Fatores, como gênero, transgeracionalidade, a coexistência de antigos padrões junto às novas demandas relacionais, compõem a singular construção dos papéis contemporâneos (Staudt, 2008). Nesta perspectiva, o Participante 9 refere constatar, em seu exercício clínico, o seguinte questionamento:

“Muita dúvida de como se estabelecer dentro dessa nova ordem social que é enorme, mas ao mesmo tempo parece que é sempre uma fase de transição, e que, então, preserva coisas do passado. (...) Acho que tem uma insegurança em relação a todas essas demandas sociais que se vêem obrigados a responder, como uma forma de ter um significado diante dos outros. Eu vejo que, às vezes, tem uma certa confusão, pode até ter um certo saudosismo, de dizer: Poxa, era muito melhor antigamente que tudo era definido. Mulher cuidava da casa, homem cuidava de ganhar dinheiro, os filhos somente obedeciam. Então hoje, que é um movimento interessante, porque promove uma certa descentralização dos papéis, mas ao mesmo tempo provoca uma tremenda de uma insegurança, quer dizer: Como é que eu vou agir diante desta nova ordem? A sociedade me exige tanta coisa, mas eu posso também ocasionalmente estar desempregado e a mulher estar sustentado a casa. Eu posso aceitar isso? Eu não posso?” (P9)

No que se refere, mais especificamente, às mudanças advindas da passagem da modernidade para a contemporaneidade, a Participante 3 refere:

“Aquilo que antes estava designado como certo e, se tudo corresse bem, naturalmente iam acontecer na vida das pessoas. O homem ia ter um bom trabalho, ia sustentar a

família, a esposa e os filhos, e esses se submetiam ao lugar de domínio desse pai. E, então, o merecido sucesso estava garantido. Mas o que eu acho que é um fator de sofrimento atual? A indefinição do próprio papel.” (P3)

Sendo assim, para a compreensão dos novos tempos, é necessário mencionar as transformações que se fizeram presentes na dinâmica das relações interpessoais. Para Jerusalinsky (2007), a diferença sexual, partindo do campo da anatomia, desdobrou-se em uma diferença simbólica, representada pela detenção do falo. Assim, os homens seriam o sexo forte, possuidores do falo, e as mulheres o sexo débil, consideradas castradas. Porém, a partir do século XX, foi registrado o divórcio entre a anatomia e a condição fálica, separando o pênis do falo, passando o último a assumir múltiplas formas de representação. Nesse período, segundo Marazina (2005), o avanço tecnológico fez com que houvesse um deslocamento do eixo ‘força e coragem’ para o eixo ‘pensamento e habilidade’, desamarrando o falo do corpo masculino. Cabe destacar, neste contexto, as relevantes mudanças que ocorreram no desempenho e nas atribuições dos papéis masculino e feminino, bem como suas repercussões no cenário das relações. Ressalta-se, entre tais mudanças, o afrouxamento do patriarcado (Machado, 2008; Jerusalinsky, 2007; Araújo, 2005) e o movimento feminista. Sobre esta constatação os entrevistados manifestam:

“No século 19 uma mulher tinha que ser bonita, se preparar para o amor e para uma vida de casada, aonde ela era muito poderosa naquele domínio doméstico. E os homens eram reis absolutos. Já, no século 20 o ideário feminino se modificou e as mulheres começaram a querer ter um outro papel. E o que aconteceu? Os homens, então, começaram a se enfrentar muito com a questão de que as mulheres passaram a não ser tão satisfeitas com eles quanto eram antes, quando eram reis absolutos.” (P8)

“Hoje em dia, os homens, em função das mulheres estarem trabalhando fora, eles tem que pegar mais junto na casa, nas arrumações, no cuidado com os filhos, então, essas demandas que os homens não tinham, eles passaram a ter também. E agora, os homens também estão sofrendo com essa dupla jornada. É uma configuração familiar diferente, em que os papéis se mesclam mais.” (P10)

A partir das falas dos entrevistados, é possível constatar uma comparação entre os gêneros para ilustrar tanto questões masculinas quanto femininas. Siqueira (1997) e Araújo (2005) referem a impossibilidade de problematizar o feminino e o masculino no singular, pois a constituição da identidade de gênero caracteriza-se por um processo relacional. No presente estudo, os entrevistados eram convidados a discorrer a respeito das temáticas referentes à masculinidade; entretanto, os temas femininos eram constantemente trazidos à tona, denotando a dificuldade em compreender um gênero dissociado do outro. Para Oliveira (2004), a construção social da masculinidade tem como correlato o seu “outro”, ou seja, a feminilidade. Dessa forma, construção de um tipo simbólico tem efeitos e implicações para o

seu antípoda, especialmente quando se refere à dicotomia centrada na polarização masculino-feminino, tão presente na história da humanidade.

Assim sendo, é indispensável citar as progressivas mudanças do papel feminino nas últimas décadas e o decorrente reflexo dessas no papel masculino, bem como abordar a importância desta inter-relação no contexto atual. Arán (2003) refere que essas mudanças provocaram uma crise nos referenciais simbólicos organizadores da sociedade moderna, principalmente a partir do deslocamento das fronteiras homem-público e mulher-privado. Conforme salienta Staudt (2008), o movimento feminista é um fator importante na produção de modificações familiares e sociais, no qual espaços tradicionalmente masculinos estão, cada vez mais, ocupados pelas mulheres. Nesse contexto, Araújo (2005) reforça a importância do capitalismo que, na sua evolução, enfraqueceu o patriarcado, pois, para atender tanto às necessidades do mercado de trabalho quanto as da própria família, a mulher foi ocupando espaços na esfera pública, uma vez que o homem já não dava conta do seu papel de provedor. Para a autora, tais fatores influenciaram no declínio do poder paterno. Sobre essa constatação, a Participante 3 refere:

“As mudanças de lugar, de papel, as transformações de gerações, do que compete às gerações mais velhas ou às gerações mais novas, das hierarquias. Por exemplo: Filho devia respeito ao pai, mas hoje em dia é o pai que deve respeito ao filho. Então os axiomas propostos tiveram uma transformação radicalíssima, principalmente nas formas de se estabelecer relações.” (P3)

Além disso, constata-se que a chegada da pílula contraceptiva, na década de 60, possibilitou a separação entre sexualidade e reprodução pelas mulheres. A partir disso, elas conquistaram a capacidade de escolha sobre exercer a maternidade, bem como quando lhes seria conveniente, ou não, exercê-la. Assim, estas puderam programar suas vidas e investir na carreira profissional. Nesse contexto, para as mulheres, o trabalho passou a ser não somente uma verba auxiliar nas despesas da casa, mas, principalmente, adquiriu um valor constituinte das suas identidades e subjetividades (Arán, 2003). Com a necessidade de acompanhar e atender as novas demandas da figura feminina e da sociedade ocidental capitalista, os papéis familiares precisaram se adaptar, tornando-se mais flexíveis. Segundo Araújo (2005), tais mudanças apontam para a possibilidade concreta de relações de gênero mais democráticas, baseadas no direito à igualdade e no respeito à diferença. O homem, especialmente, precisou rever suas habituais funções, como a de único provedor, figura de autoridade e pequena participação no cuidado dos filhos e da casa. Os entrevistados exemplificam:

“O que é ser homem hoje em dia? O homem pode ter um papel de delicadeza com sua esposa, com sua namorada, com sua companheira. O pai pode se fragilizar, o pai

pode cumprir funções que antes não eram designadas a ele. Houve a quebra de uma identidade hegemônica.” (P3)

“O mundo está mudando, então as funções também estão mudando. Apesar de, na nossa cultura, ainda predominar que o grande responsável para prover a família é o homem, mas o homem também está mudando. E o homem também admite que ele tem fragilidades, que ele adocece, que tem angústias, que tem medos.” (P1)

Nessa direção, constata-se que foram geradas novas demandas para o papel masculino. Staudt (2008) refere a chegada de um ‘novo homem’, mais participativo na vida afetiva e familiar, compartilhando com a mulher os âmbitos público e privado. Para a mesma autora, os estereótipos de homem ligados à macheza, virilidade e força vêm sendo atualmente questionados. Contudo, o Participante 7 menciona que o homem parece ainda manter uma exigência de ser o ‘chefe da família’, o que implica uma subordinação por parte da esposa:

“O homem ainda carrega culturalmente uma exigência, que eu percebo estar no inconsciente desses homens, da necessidade de ser o provedor, mas esse modelo pressuporia uma mulher submissa, o que está posto em cheque por ela”. (P7)

Percebe-se que a relação entre homens e mulheres ainda não está equilibrada, pois ambos trazem necessidades, por vezes, colidentes. Segundo Kehl (1996), frente à reivindicação de uma maior igualdade entre os sexos, a contemporaneidade acabou trazendo uma relativa indiscriminação entre os campos masculino e feminino, gerando um desconforto. Para a autora, a aproximação entre os campos promove mais intolerância do que diálogo, bem como mais rivalidade do que desejo. Além disso, a Participante 8 sugere que as mulheres estão se sentindo completas e autossuficientes:

“A auto-ajuda, as revistas femininas e os tratamentos não tão bem sucedidos começaram a dar para as mulheres uma arrogância tamanha, de que elas não precisam de nada e de ninguém. E, para que mesmo, diante dessa arrogância feminina, serve um homem? Isso criou um descompasso, pois de uma utilidade extrema que os homens tinham para as mulheres e para a cultura, eles passaram a não ser mais úteis. A atual posição feminina não é equilibrada, mas sim é arrogante e narcisista!” (P8)

Na modernidade, segundo Kehl (2004), o asseguramento do valor fálico dos homens apoiava-se no seu valor em exercer as funções de marido e pai. Dessa maneira, as esposas e os filhos sustentavam a virilidade do homem. Entretanto, o contexto contemporâneo não apresenta o mesmo rigor nas configurações familiares. No que diz respeito ao posicionamento feminino ilustrado pela Participante 8, pode-se perceber o sofrimento implicado aos homens, a partir da substituição da sua serventia pelo vazio. Os fatores relacionados às novas prioridades na esfera da composição familiar se fazem presentes na fala dos entrevistados:

“Anteriormente as relações eram a prioridade, as relações familiares e as afetivas. A vida individual existia quando não atrapalhava a relação. Agora é ao contrário. A relação existe quando não atrapalha a vida individual.” (P8)

“Então, as mulheres também se vêem cada vez mais comprometidas com as sua vida profissional, com suas tarefas, com sua autonomização, seus projetos de independência e tudo mais. Mas, também, isso acontece porque ela não encontra uma reciprocidade no seu par, e isso é um grande problema da formação da família contemporânea.” (P2)

Denota-se, assim, como a contemporaneidade é marcada pelo privilégio da individualidade em detrimento das relações de alteridade. Birman (2007) refere um autocentramento do sujeito no eu, tornando o espaço intersubjetivo desinvestido e esvaziado de trocas inter-humanas. Para Lash (1990), o eu se contrai em um núcleo defensivo, a fim de evitar a ameaça provinda de uma época submersa em adversidades. As demandas contemporâneas impõem ao sujeito um alto nível de desempenho, a fim de obter acesso aos bens de consumo que prometem prazer e felicidade. O sucesso é considerado como a única alternativa de futuro viável, e, para conquistá-lo, tudo acaba sendo possível. O padrão que rege o contexto contemporâneo é o do gozo a qualquer preço (Maia, 2005). Nessa perspectiva, os vínculos afetivos são conduzidos pela mesma lógica. As relações precisam adaptar-se à necessidade de prazer contínuo, sendo o outro descartado, ao surgir alguma ameaça de sofrimento. Entretanto, os laços afetivos exigem tempo e continuidade de vinculação para que se estabeleça a confiança e a criação de relações de reciprocidade. Desse modo, para Lasch (1990), as relações afetivas acabaram sendo desinvestidas em decorrência de um recuo emocional frente aos compromissos a longo prazo, o que pressuporia um ambiente estável e seguro. Sendo assim, o autor propõe que a contemporaneidade é marcada pela cultura do narcisismo, na qual a preocupação excessiva com a individualidade está diretamente associada com a própria sobrevivência psíquica, e não como manifestação de autointeresse ou de indiferença ao bem comum. Nessa postura o que está em voga é o tema da sobrevivência psíquica. Acrescido a isso, a época atual também pode ser caracterizada pela ‘cultura dos não castrados’, sustentada pela extremada imposição de ideais a serem seguidos, como mencionam as entrevistadas:

“Existe uma ilusão na cultura atual, que é uma cultura de que a gente pode tudo, não é? A gente tem acesso a tudo e a gente pode tudo. Em palavras estritamente psicanalíticas, é uma cultura de não castrados.” (P8)

“Esse sujeito, ao invés de traçar um ideal próprio, ele fica submetido ao ideal da cultura. Então é o ter. É ter o carro tal, ter a marca tal. Tu reparas como é que está ficando o compromisso do sujeito? O compromisso do sujeito é ter. Ora, isso vai ficando desproporcional ao ser. Daqui a pouco, esse sujeito não sabe mais quem ele é, ele está psiquicamente comprometido no que ele tem que ter.” (P4)

Nesse panorama, o enfoque dado à castração não remete a uma leitura linear e equivocada a respeito dos aportes psicanalíticos sobre essa temática. A castração não se reduz à diferença anatômica entre os sexos, estritamente sobre a presença ou ausência de pênis, descrito por Freud (1909/1996). Segundo Hausen (2004), apesar de a castração aludir a um corte e a uma perda, ela também está imbuída da possibilidade de crescimento para o ser humano, pois demarca a saída do narcisismo e a entrada na fase do respeito e reconhecimento de um outro. Entretanto, ao relacionar a castração com a dinâmica dos tempos atuais, percebe-se um cenário de excessos no qual a não aceitação da falta impossibilita ao sujeito uma verdadeira experiência de alteridade. Nesse sentido, a ‘cultura dos não castrados’ alude à impossibilidade da inscrição da interdição no campo intersubjetivo. Na ameaça da castração que, na teoria freudiana, sela a proibição do incesto, encarna-se a função da lei enquanto instituição da ordem humana. Para a chamada ‘cultura dos não castrados’, o sujeito não pode sentir privação em relação à realização dos seus desejos. Segundo Dockhorn e Macedo (2008), a sociedade contemporânea organizada em torno dos bens de consumo basta-se sem normas, sendo conduzida pela sedução, por aspirações voláteis e desejos crescentes. Para isso, deve-se estar apto a aproveitar as oportunidades logo que estas se apresentarem, bem como seguir ininterruptamente desenvolvendo novos desejos. Para as autoras, a dialética do desejo e da falta mostra-se inconsistente, pois não permite ao sujeito deparar-se com o vazio para despertar o desejo; ao contrário, o que ocorre é uma necessidade contínua de pôr fim à falta, instaurando novos objetos, produtos e falos que bloqueiam a alusão ao vazio. Sobre esta temática, Debord (1997) considera que

a alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais contempla, menos vive, quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (p. 24).

Desse modo, as pessoas tornam-se telespectadoras do mundo. Assistem a ele, em vez de agir na busca de um reconhecimento das suas próprias necessidades. Há uma submissão coletiva aos valores propagados pelo espetáculo, observando-se uma anestesia generalizada, uma espécie de “embriaguez” compartilhada. Não se reflete a própria existência, apenas se contempla o imenso espetáculo, bem como se espera ser contemplado também (Freitas, 2004). Segundo Kupermann (2008), os ideais transmitidos pela mídia de massa são

incorporados por uma identificação 'estática' sem grande questionamento, pois as subjetividades encontram-se enfraquecidas e impotentes.

O olhar do outro no campo social passa a ocupar, na economia psíquica do sujeito, uma posição estratégica, exemplificada pela cultura do narcisismo (Lasch, 1990) e pela sociedade do espetáculo (Debord, 1997). Complementando a reflexão sobre os tempos atuais, Maia (2005) refere que os indivíduos são levados a, hipnoticamente, se identificar de forma idealizada com algo que não tem lastro no real, pois o espetáculo oferece uma perfeição imagética impossível de ser repetida no cotidiano dos sujeitos. Um exemplo disso, segundo a autora, seria a imagem dos corpos ideais exibidos em revistas, os quais são remodelados e retocados pela tecnologia computadorizada.

Constata-se que, inegavelmente, novas formas de subjetivação surgiram com a contemporaneidade (Birman, 2007; Maia, 2005; Macedo, 2003; Bauman, 2001), e as modalidades impostas ao sujeito contam da complexidade dessas demandas referentes à identidade. O modo de vida advindo deste novo contexto, salienta Birman (2007), pode ser fonte de sofrimento pela exigência que imputa ao sujeito. No que se refere ao âmbito da masculinidade, percebe-se conflitivas relacionadas ao afrouxamento da cultura patriarcal, à transitoriedade das representações atribuídas ao falo, à preocupação com a manutenção da virilidade e à constituição da identidade. Tais fatores, para os psicanalistas entrevistados, estão diretamente relacionados às queixas e demandas apresentadas pelos homens na procura pela escuta psicanalítica.

No campo dessa temática, estrutura-se a segunda categoria final, chamada **“O padecimento masculino contemporâneo: a história de Narciso no cenário de excessos”**, que derivou das categorias iniciais e intermediárias do quadro a seguir:

Quadro 3. Dados referentes à Categoria Final 2

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Insegurança masculina frente à mudança de paradigmas	Efeitos psíquicos na identidade masculina decorrentes das transformações contemporâneas	O padecimento masculino contemporâneo: a história de Narciso no cenário de excessos
Desestabilização masculina frente ao novo papel da mulher		
Criação pelo sujeito de um ideal masculino marcado pela vigência da plenitude e da perfeição		
Falta da figura paterna como um modelo masculino a seguir		
Prejuízo na intimidade e na capacidade de vincular-se afetivamente		
Problemáticas masculinas em relação à vida afetiva/amorosa e ao exercício da paternidade		
Problemáticas masculinas em relação à sexualidade, potência e virilidade		
Problemáticas masculinas contemporâneas relacionadas ao narcisismo		
Importância do exercício laboral na identidade masculina		
Queixas relacionadas à depressão		
Conflitivas no terreno da sexualidade		
Sentimento de desamparo		
Uso de drogas		
Angústia pela sensação de não atender os ideais sociais		
Angústia como propulsora para o tratamento		
Demanda de análise como um trabalho de desvelamento do real padecimento		
Demanda de análise como um trabalho de descoberta do si mesmo		

Ao abordar a temática dos padecimentos psíquicos, cabe esclarecer o que se entende por psicopatologia para a Psicanálise. Segundo Berlinck (2000), a palavra grega *pathos* deriva de sofrimento. Assim, quando *pathos* se faz presente no sujeito, isso significa que algo da ordem do excesso e da desmesura o acometeu de fora para dentro. Esse excesso diz respeito a um acontecimento novo do qual o sujeito não é capaz de assimilar ativamente, a não ser de forma passiva. O autor refere que o sujeito deve se assenhorar de *pathos*, de forma este deixe de ser transitório para o sujeito, transformando esse sofrimento em experiência que alargue e enriqueça o pensamento. Para isso, o autor sugere a entrada de um ‘psicopatólogo’, ou seja, um terapeuta que ouve esse sujeito doente e que, a partir desse encontro, criem-se condições para um ensinamento interno e uma experiência de integração. A psicopatologia para a Psicanálise corresponde a uma experiência de conhecimento a respeito do si mesmo. Através

dos relatos dos entrevistados, é possível perceber os efeitos psíquicos decorrentes das transformações contemporâneas em relação aos padecimentos masculinos:

“Os homens estão apresentando problemáticas ligadas à inserção na sua própria identidade, de deixar para trás a questão narcisista e poder reconhecer seu lugar no mundo adulto, mesmo que sejam pessoas de 50 anos.” (P3)

“Isso que eu chamei de falso self vem bastante. Transtorno de Identidade, a pessoa não sabe bem o que quer na vida, tem uns que não sabem nem se são crianças ou se são adultos. Porque tem uma parte infantil muito predominante. Mas, sobretudo, a chamada Patologia do Vazio. São falhas e faltas desde bebês, desde criança, e a pessoa passa a sua vida procurando, procurando, procurando alguma coisa, sempre uma sensação de vazio.” (P1)

Nesse sentido, cabe realizar uma reflexão entre os padecimentos psíquicos e a cultura na qual o paciente está inserido, devido à complexidade desta relação. Assim sendo, a Participante 4 refere:

“Eu acho que essa leitura da contemporaneidade é importante. Ela é uma leitura importante de inscrição na nossa escuta clínica. Ela não determina. Então, eu não posso não inscrever na minha escuta a questão atual, a contemporaneidade. O que eu não posso argumentar é que esse sujeito está padecendo por causa do contemporâneo, por que senão, todas as pessoas teriam a mesma patologia se a questão fosse a contemporaneidade. Então, a cultura é um elemento importante na escuta, mas ele não determina o padecimento do sujeito. Que não seja a articulação da organização da singularidade do sujeito com essa demanda externa. É aí que dá o conflito.” (P4)

A partir dessa verbalização, é possível depreender o quanto o contexto é importante e se relaciona de forma não linear com o padecimento trazido pelo paciente, uma vez que o contexto não é capaz de, por si só, originar o conflito isoladamente. Na época de Freud, Lima (2006) refere que o mal-estar na cultura passava pelo recalçamento das representações com componentes libidinais, no universo das pulsões sexuais; porém, na atualidade, a situação se passa no âmbito do caos, da intensidade sem representação psíquica, no contexto da pulsão de morte. Observa-se o aparecimento da imediatez, promovendo um colapso da representação e um mergulho na vertigem do real. Hoje em dia, tem-se uma realidade que se impõe intensamente, dificultando a organização dos processos psíquicos e, consequentemente, do processo de subjetivação. Tal panorama conduz às chamadas ‘patologias contemporâneas’, ligadas às altas intensidades não codificadas pela subjetividade e pela cultura. Birman (2007) complementa que não se pode falar em mal-estar sem que se aluda ao sujeito, já que o mal-estar sempre se inscreve no campo da subjetividade. A conjuntura em que o sujeito está inserido influencia, ou até mesmo determina, a produção da sua subjetividade e, portanto, o seu processo de historização. Nesse sentido, Bleichmar (2007) menciona que a construção da subjetividade é de ordem histórica, social e política, estando atravessada pelos ordenamentos

da sociedade sobre as formas de se viver para se estar inserido no mundo. Dessa forma, a escuta dos psicanalistas deve ser permeada pelo efeito dessas exigências impostas na contemporaneidade, bem como pelas configurações que a singularidade do sujeito adquire nesse processo.

Nos tempos atuais, a idéia do espetáculo, com seus imperativos de exibição e teatralidade, estabelece que os sujeitos se insiram como personagens na cena social. As individualidades desfilam no campo da intersubjetividade utilizando máscaras. Nesse sentido, o sujeito é regulado pela performatividade, compondo gestos voltados para a sedução e captura do outro (Birman, 2007). Entretanto, ao serem personagens, não há espaço para a demonstração de cenas verdadeiras que estejam em consonância com o que é real e singular de cada sujeito. A cena contemporânea oferece um cenário de excesso, permeada pela interrupção, instantaneidade, incoerência, surpresa e variedade de estímulos que são constantemente renovados. Bauman (1998) refere que a imagem de si mesmo, como fazendo parte de uma construção identitária, perde seu lugar, pois passa a configurar como uma coleção de instantâneos, em que a função mais importante da memória se desloca do campo da lembrança para o do esquecimento. O sujeito não consegue identificar-se com um padrão estável que lhe sustente a sua identidade, pois deve manter-se contingente às trocas de valores. Nesse aspecto, Birman (2007) refere que “na cultura da estetização do eu, o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social” (p. 167). Dessa forma, o sujeito, ao se distanciar do ser, cada vez mais confunde a imediatez com a identidade. Nesse contexto, insere-se a masculinidade, a qual já se encontra massacrada de exigências e insegura diante dos terrenos que foi perdendo. Ao fascinar o olhar do outro, o homem busca, nessa imagem, algo que o defina e dê contornos para o seu vazio identitário. O Participante 4 refere:

“O que eu mais tenho observado são estas organizações mais narcisistas. Então, no desdobramento do narcisismo, as manifestações estão evidentemente em torno da sexualidade, da potência, das frustrações em relação aos ideais, isso é uma temática muito importante no masculino, os ideais nos projetos e a frustração em não ter se proporcionado isso, em não ter podido alcançar isso.” (P4)

Dessa forma, o homem sente-se confuso em relação ao que define a sua identidade nos tempos contemporâneos. Para Jerusalinky (2007), a masculinidade sempre esteve atrelada à virilidade, a qual é definida pela capacidade do homem em atravessar o terreno da castração e retornar incólume, inteiro. Na sociedade patriarcal, a mulher é colocada na posição de buraco, assim como o homem é convocado a preenchê-la, pois é o detentor o falo. Dessa forma, o homem demanda da mulher que a sua virilidade lhe seja testemunhada pela ordem do

feminino, ou seja, que a feminilidade cumpra a função de resgatar e certificar a virilidade masculina. Contudo, considerando que atualmente o homem não é mais o único representante do falo, bem como o fato de que as mulheres não são necessariamente classificadas como castradas, a virilidade, segundo o autor, acaba por não poder continuar dependendo do feminino, caso contrário ficará em risco. Sobre essa temática, o Participante 5 refere:

“No campo do sucesso amoroso também, porque enquanto nas gerações anteriores os homens eram, até por uma imposição social, bem sucedidos em ‘conquistar uma mulher e manter uma família’, porque isso era até uma exigência, um fator social. Hoje é muito difícil fazer isso, ser bem sucedido nos moldes das gerações anteriores. Então eu acho que os homens se sentem fracassados, em geral na maioria, em relação aos padrões, aos ideais de masculinidade da cultura ou de que ele possa tomar a partir de um modelo identificatório com as gerações anteriores. Onde essas conquistas eram garantidas aos homens por um estamento social.” (P5)

É possível perceber o quanto o homem sente-se inseguro diante das transformações do contexto atual. Ao mesmo tempo em que lhe é exigida uma sensibilidade antes recalcada, a possibilidade de sensibilizar-se parece amedrontadora. No que se refere aos atributos masculinos patriarcais, o homem segue mantendo uma representação de poder, pois a cultura ainda está arraigada por tais conceitos. Dessa forma, são as problemáticas ligadas a sua representação masculina tradicional bem como as dificuldades relacionadas com ao desempenho que fazem o homem ocupar-se de suas questões subjetivas e buscar ajuda terapêutica. O homem, então, inseguro frente à mudança de paradigma e desestabilizado em relação ao novo papel da mulher, vê-se aprisionado na exigência da *performance*, do alto desempenho, da potência e do sucesso. Tais cobranças, autodirigidas, apresentam a finalidade de ser reconhecido e, a partir do olhar do outro, poder descobrir quem realmente é.

Seguindo as demandas impostas, o âmbito profissional passa a ter extrema importância para a constituição da identidade masculina. Segundo Burin (2000), tradicionalmente, o trabalho corresponde aos principais aspectos pelos quais a subjetividade masculina se constitui. Por outro lado, as crises no sistema econômico e o conseqüente aumento no índice de desemprego trouxeram incertezas e dificuldades para o homem se reconhecer fora da esfera produtiva, acarretando sofrimento. Para Jerusalinsky (2000), é no trabalho que o homem poderá demonstrar seu valor fálico, conferindo uma representação social para o sujeito. Segundo o autor, no exercício das funções laborais, o homem garante a sua participação nos sistemas coletivos de distribuição do gozo. Inserido em uma perspectiva capitalista contemporânea que preza pela produção constante, atrelada à possibilidade de ascensão social, o homem encontra no trabalho uma sustentação simbólica de cunho valorativo. Este aspecto está diretamente associado às modalidades tradicionais de cultura

patriarcal falocêntrica, mantendo e sustentando um pressuposto de que, ao assumir os espaços públicos e desempenhar a função de provedor, o homem garantirá sua virilidade e identidade. Além desses fatores, o trabalho parece favorecer a aquisição do sentimento de autonomia nos pacientes homens, como refere os entrevistados:

“O trabalho oportuniza uma certa ‘adaptação social’ ao homem. A inserção no mercado de trabalho lhe oferece a chance de ganhar dinheiro não somente para o seu sustento e o da família, mas também para progredir e poder ascender socialmente.”
(P10)

“Através do trabalho, o homem pode se desgrudar da família, pode dizer ‘chega, não quero mais saber o que tu pensa a meu respeito, não quero mais ouvir o que tu tem a dizer’. Então isso é uma coisa que tem que ver com uma ruptura muito importante.”
(P6)

A ruptura citada, proporcionada pelo trabalho como recurso de acesso aos próprios ideais, diz respeito ao processo de desligamento da condição de se manter conectado ao narcisismo dos pais. Segundo Hornstein (1989), é, portanto, através de seus filhos que os pais revivem uma situação própria de plenitude, a qual havia sido, de certa forma, perdida. A Participante 4 complementa tal afirmativa:

“O que muitas vezes a gente observa na clínica é que esses ideais estão atravessados pelo narcisismo dos pais, pela demanda narcísica dos pais, então ficaram homens adultos sem saber na verdade qual era o seu objetivo como sujeito.” (P4)

Esses pacientes acabam por apresentar uma falha na constituição do próprio narcisismo, enquanto etapa de desenvolvimento do ego. Segundo Hornstein (2008), o narcisismo é a fonte organizadora do psiquismo, constituindo o ego e a relação com os outros. Para o autor, o narcisismo

integra diversas correntes: a da busca de autonomia e auto-suficiência perante os outros, a da pretensão de dominar e negar a alteridade, a do predomínio do fantasmático sobre a realidade. Por isso, o termo narcisismo possui vários sentidos: por um lado, indiscriminação entre o ego e o outro; por outro lado, a regulação do sentimento de estima de si, assim como o interesse exacerbado pela identidade (p. 27).

Nessa direção, cabe retomar o conceito de narcisismo, o qual é explorado sob diversas óticas na obra freudiana. Segundo Hornstein (1989), a primeira acepção freudiana do narcisismo pode ser definida como um estado evolutivo no qual o eu se constitui como unidade. Descreve-se, ao mesmo tempo, um processo de retração da libido sobre o eu como fenômeno narcisista. Além dessas definições, o narcisismo na Psicanálise também pode ser definido como um ponto de fixação típico da psicose, bem como um tipo de identificação e ou

uma série de atitudes, estados ou traços de personalidade. No texto 'À Guisa de Introdução ao Narcisismo', Freud (1914/2004) explica como o próprio ego se constitui como objeto da pulsão sexual. O desenvolvimento da libido inicia com a fase do autoerotismo, etapa em que a libido encontra-se direcionada para si próprio, mas ainda não se tem uma unidade do ego. No autoerotismo não há investimento no mundo externo, sendo tudo o que é sentido como prazeroso fica reservado ao ego, ao passo que as sensações desprazerosas e desconhecidas ficam atribuídas ao mundo externo. Num segundo momento da libido, dá-se a fase do narcisismo primário. Esta se diferencia do momento anterior pela formação de um ego rudimentar. Nesta fase ocorre um investimento da libido na imagem unificada de si, em que o sujeito toma a si mesmo como objeto de amor. Em seguida, a libido deve ser investida no mundo externo para que se torne uma libido objetal, pois, quando o investimento libidinal no ego excede certa quantidade, há uma necessidade de ultrapassar os limites do narcisismo. Assim, ressalta Freud (1914/1996), uma porcentagem desta libido será dirigida aos objetos, caracterizando investimentos de libido objetal. No entanto, Freud (1914/1996) estabelece um equilíbrio energético entre libido do ego e libido objetal: quanto maior for o investimento no ego, menor será o investimento no objeto, ou seja, quanto mais uma absorve, mais a outra se empobrece.

Ao discorrer sobre investimentos no ego, é fundamental considerar a função materna. Para Hornstein (1989), o bebê deve ser adequadamente narcisado por sua mãe. O bebê passa a ser o ideal da mãe, sendo esta experiência vivenciada por um sentimento de completude. Portanto, no narcisismo primário, o ego está identificado com o ideal. Porém, Freud (1914/1996) salienta que acontece uma espécie de perturbação no narcisismo primário. Hornstein (1989) relaciona esta perturbação com a conflitiva edípica. O que ocorre nessa conflitiva é a entrada de um terceiro na relação de díade entre a mãe e seu filho. O terceiro, como objeto de desejo da mãe, inaugura um campo de exclusão para a criança. Assim, é rompida uma situação na qual, por ser identificada com o ideal, a criança experimenta uma condição ilusória denominada por Freud (1914/1996) como ego ideal, ou seja, seu eu coincide com a completude ilusória. Como efeito da saída dessa situação, ela se identifica com o idealizado, com um ideal de ego, no objetivo de readquirir a plenitude vivenciada no narcisismo primário (Hornstein, 1989).

De acordo com Freud (1914/1996), "o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal" (p. 112). O narcisismo infantil perdido é deslocado para o ideal do ego, uma vez que o ego não está disposto a renunciar a uma satisfação já experimentada. Assim, ao longo do desenvolvimento, o sujeito deixaria para trás esse ideal narcísico e aspiraria ao seu regresso, mediante a realização de suas metas ou ideais projetados em um tempo futuro. Freud (1914/1996) refere que, para um adequado desenvolvimento egóico, é imperativo afastar-se do narcisismo

primário (eu ideal) em direção a um ideal do eu que o represente. Nesta direção, o eu ideal, conforme Laplanche e Pontalis (2000), é conceituado como o “ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil” (p. 139). Diferentemente desse, o ideal do eu configura-se como uma “instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos (...) o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se” (Laplanche e Pontalis, 2000, p. 222). Trata-se de uma instância que, ao apresentar um estado ideal a ser alcançado, também censura e observa incessantemente o ego, a fim de compará-lo com esse ideal.

Nesse sentido, Hornstein (1989) considera como característico do sujeito adulto o ideal do eu enquanto instância reguladora da autoestima de cada um, referindo-se aos valores internalizados pelo sujeito, decorrentes de sua história de vida singular. A autoestima seria o produto final daquilo que o eu pode cumprir em relação às exigências do ideal. O autor define que “o objeto, as relações, cumprem funções narcisistas, de sustentação tanto da auto-estima como da própria identidade do eu” (p. 156). Desta forma, o narcisismo é situado como uma etapa crucial na constituição do sujeito psíquico. O conjunto de representações que o ego tem de si mesmo, enquanto imagem unificada, produz efeitos no seu funcionamento. Da mesma forma, fixações nessa fase também promovem consequências importantes tanto no mundo intrapsíquico, como no cenário intersubjetivo. Contudo, Maia (2005) refere que, na contemporaneidade, há uma impossibilidade de deslocamento do eu-ideal para um ideal de eu, na medida em que os ideais inexitem enquanto bens simbólicos, pois, na sociedade do espetáculo, o registro dominante é o da imagem de superfície, sem representação psíquica. Em relação a isso, as problemáticas associadas ao narcisismo nos pacientes homens são manifestadas pelos entrevistados:

“Uma coisa bem importante na minha prática, os homens se separam e buscam de uma forma muito intensa, se acharem. Se acharem como indivíduos, porque sempre foram indivíduos ligados a companheira como estiveram no passado ligados às figuras paternas. Isso eu acho que tem uma frequência bem importante. Porque os homens também não sabem muito bem o que se faz quando se separam, com o que se fica, como que se constrói a identidade de si próprio.” (P4)

“Há uma necessidade de serem bons em tudo, principalmente pela questão de gênero, por serem homens. Eu acho que é muito complicado, porque existe uma busca de um ego ideal que é inatingível, é um ideal de ego que é inatingível, e o ego fica muito aprisionado nisso.” (P10)

“O homem adulto, idoso e adolescente não se sente cumprindo com o que ele deveria ser, em síntese, não castrado. Para os homens, eles deveriam ter muito mais poder do que realmente tem.” (P8)

Percebe-se a necessidade da manutenção da fantasia onipotente, característica do narcisismo primário, em que o ego está em seu estado pleno e completo. Portanto, as falhas apresentadas no psiquismo desses pacientes estão localizadas na etapa do narcisismo, pois as cobranças de perfeição advêm dessa fase. Mesmo que surjam conflitos relacionados à sexualidade, problemáticas relacionadas ao Complexo de Édipo, percebe-se que as exigências se dão no nível da performance sexual, do ideal no desempenho do ato em si, o que remete a uma demanda de uma fase anterior ao Édipo. Trata-se da constatação de um ideal masculino marcado com intensidade pela demanda de completude e uma alta exigência no desempenho. Pode-se nomear, a partir das falas dos entrevistados, a dinâmica de padecimentos masculinos que contam as peripécias de Narciso num cenário de excessos que o atordoam e causam prejuízos nas relações consigo mesmo e com outros sujeitos. Acometido dessa modalidade contemporânea de *pathos*, o homem atual busca responder às demandas sem um tempo de reflexão sobre seu próprio campo de desejos. Ao iludir-se com a ausência de limites, acaba por limitar drasticamente sua condição de ser e de acesso à singularidade de seu desejo.

Essa situação está em consonância com as contingências do contexto contemporâneo, já explicitadas anteriormente, bem como pela percepção referida pelos entrevistados de que os homens estão com uma falta de modelo masculino a se basear, dificultando a identificação com um modelo paterno que facilite o acesso a uma masculinidade adulta. Neste aspecto, o papel do pai exerce importante função. Conforme Rosa (2008), ao aludir à teoria freudiana, a identidade sexual masculina se constitui no momento em que o menino estabelece a resolução do Complexo de Édipo, identificando-se com o pai que ofereceu provas de potência em relação à mãe, sendo este internalizado como ideal do eu. Assim, a concepção de virilidade se sustenta na identificação ao pai, tomado como ideal. Bleichmar (2007) considera que a constituição da identidade de gênero masculina é atravessada por um paradoxo: o menino precisa ser como o pai, enquanto potência e sexualidade, mas também necessita não ser como o pai, pois deve manter uma posição passiva diante deste, permitindo a apropriação de seus atributos. Em suas importantes contribuições sobre o processo de aquisição da identidade masculina, Bleichmar (2007) destaca a relevância do processo identificatório ocorrer via predomínio do amor na relação do filho para com o pai. Entretanto, para Rosa (2008), a contemporaneidade é marcada pelo declínio ou inoperância da função paterna, o que traz conseqüências para a integração da posição sexual masculina por parte deste. Faz-se presente um questionamento sobre como se identificar com uma ausência. Este aspecto é trazido pelos entrevistados:

“Há uma falta importante desse tipo de modelo masculino. Eu tenho percebido esse tipo de procura. Que vai desde pacientes que efetivamente perderam o pai e não conseguiram de alguma forma, na sua realidade, um modelo de função paterna, e de alguma maneira vem buscar isso na clínica, aqui. Até adolescentes que sofrem com a separação dos seus pais e o pai passa a se omitir ou aumenta o seu grau de omissão, digamos, de participação.” (P7)

“Uma causa de sofrimento dessas transformações do tempo é a questão da indefinição, da indiferenciação, melhor dito, sobre a identidade de gênero. O quê é ser homem, o quê é ser uma mulher. Então o quê acontece, como não tiveram os próprios pais, a figura de mãe mulher, e figura de homem pai, buscam nos seus companheiros homoeróticos, aquilo que não encontraram nos seus pais de origem. Então se relacionam com o seu companheiro buscando sanar a dúvida sobre o quê é ser homem, que não aprenderam com os seus pais.” (P3)

“Muita dúvida, muita desconfiança com relação a, se era mesmo que os pais amavam, porque que cada um deles se sentia tão solitário? Onde é que estava efetivamente a presença dos pais Até poderia se pensar numa situação de desamparo, de viver sua infância de uma maneira muito solitária.” (P6)

A partir das falas, retrata-se como a ausência dos genitores, especialmente o paterno, resulta em sofrimento e confusão em relação à constituição da identidade masculina, além de um sentimento de desamparo e de desamor. Bleichmar (2007) refere que o homem necessita, simbolicamente, ter incorporado o pênis do pai, já que o falo representa a posse de todos os seus atributos masculinos. Para a autora, a virilidade é conquistada através de uma fantasia homossexual de incorporação por penetração. Se o pai não cumpre essa função, o menino segue procurando um modelo masculino que o ofereça a virilidade (Bleichmar, 2007).

Os aspectos relacionados à ausência paterna na infância do menino também se associam às dificuldades encontradas nos pacientes homens em exercer seu papel de pai na atualidade. Há uma insegurança sobre como proceder ao gerar um filho, pois mesmo que desejem não repetir a ausência, acabam não encontrando um referencial a seguir. Segundo Souza e Benetti (2009), os pais contemporâneos transitam entre o modelo patriarcal, em que a figura masculina deve prover economicamente a família, e o novo modelo, em que o pai apresenta maior envolvimento afetivo com a esposa e os filhos. Contudo, as autoras referem que, apesar do conhecimento atual sobre a necessidade do envolvimento masculino com os filhos e com a família, o ‘novo pai’ não está correspondendo a essa demanda. Nessa direção, surgem as conflitivas familiares, especialmente as localizadas no âmbito conjugal, conforme refere a Participante 7:

“E isso passa a interferir diretamente na questão da sexualidade, então a gente tem algumas disfunções sexuais em função dessa perda aparentemente desse papel, vamos dizer, do homem líder, do homem provedor. Então há toda uma exigência dessa mulher por vínculos que muitos homens por falta desse modelo, por terem vindo de um modelo mais arcaico, tiveram o seu inconsciente irrigado fundamentalmente pela

percepção de pais com outra linha de pensamento ou de mães mais submissas, e na tentativa de reproduzir esse modelo isso acaba não funcionando, por força da não aceitação mais da mulher e aí começam as crises, que vão desde crises de angústia até de depressão.” (P7)

Sobre os relacionamentos afetivos, Chaves (2003) considera que estes, na contemporaneidade, são apenas uma das tantas dimensões na vida de homens e mulheres. Na atualidade, a co-existência de diversas dimensões, tais como a afetiva, a profissional, a econômica, a política, a social e a doméstica para ambos os sexos, acaba pressupondo um encurtamento do tempo disponível para as relações amorosas. Em um período no qual tempo e espaço foram comprimidos e um complexo conjunto de demandas é feito sobre grande parte dos indivíduos, percebe-se que outras expectativas em relação à experiência afetivo-sexual são criadas, gerando um re-posicionamento das prioridades e dos projetos de vida. Além disso, Chaves (2001) menciona que as relações amorosas contemporâneas são caracterizadas pela diversão e pelo prazer imediato sem esforços. Nesse modelo de relação-lazer, segundo a autora, não há espaço para a hostilidade, tristeza, mal-estar e introspecção, que são aspectos intrínsecos a um relacionamento duradouro. Sendo assim, há uma tendência em usufruir das pessoas como objetos, e depois abandoná-las quando os impasses e frustrações aparecerem. Sobre esse aspecto, a Participante 6 manifesta:

“O motivo das separações mesmo é o de não haver contato afetivo, como se houvesse um certo desconhecimento do que é que o outro espera, do que o cônjuge esperava. (...) é uma convivência de anos como se desconhecemos a questão afetiva ou a proximidade afetiva entre um e outro. O desejo do outro, a expectativa do outro, enfim, é como se esse outro estivesse ali, mas ao mesmo tempo não estivesse, porque é como se não tivesse contato, não se apropria desse outro.” (P6)

Dessa maneira, percebe-se mais uma vez como os efeitos do narcisismo se fazem presentes na cultura contemporânea, pelo prejuízo nos espaços intersubjetivos. Já, no que tange à dificuldade de investimento em si mesmo, encontram-se os padecimentos intrapsíquicos nomeados e identificados no cenário masculino. Conforme Burin (2000), o imperativo social de adscrição ao gênero masculino leva os homens a um prematuro processo de socialização, bem como a recursos identificatórios e a modos de construção da subjetividade que os aleijariam da intimidade consigo mesmos. Nesse processo, os homens também acabam por se distanciar da percepção de certos desejos, principalmente os mais ligados à passividade, pois não condizem com a condição de virilidade. Do mesmo modo, a autora refere que os homens utilizam os mecanismos de negação, supressão e projeção de alguns afetos considerados difíceis de manejar subjetivamente, tais como o medo, a dor e a tristeza, já que o homem deve manter-se corajoso, forte e insensível. Essas características, associadas à construção da identidade de gênero tradicional, são consideradas como a

‘normalidade masculina’, mesmo que sejam potencialmente patógenas para o psiquismo (Burin, 2000). Nesse sentido, a autora faz alusão aos homens que padecem de normalidade. Os entrevistados ilustram tal constatação:

“Eu acho que a demanda masculina é mais narcísica, no sentido deles terem uma necessidade de serem bons profissionais, bons de cama, bons nisso, bons naquilo e é muito bom, bom, bom e não tem muito espaço para falhar, para ser ruim, para broxar, para não saber o que quer, para trocar de profissão. Eles aprendem desde cedo que devem ser durões, machões, chefes tanto na família quanto no trabalho, enfim, não podem demonstrar muitos afetos. E isso não tem a ver só com o eu deles, mas também com o social, pois fica uma coisa muito impositiva, de terem sempre que ser muito bons em tudo.” (P10)

“Hoje até já está um pouco mais liberado para o homem chorar, mas o que predomina é não poder chorar, não pode falir, não pode falhar, não pode broxar, não pode nada. Só pode ter resultados! Então esse homem é uma figura massacrada de exigências. E aí ficou esse compromisso masculino.” (P4)

Assim sendo, cabe ressaltar a semelhança entre as características tradicionais da construção de gênero masculina e as demandas da sociedade contemporânea. Ambas exigem do homem prontidão, atividade, performance, negação da tristeza, exaltação do prazer, entre outras. Dessa forma, para Berlinck e Fedida (1999), há uma tendência em defender-se, de maneira intensa, do reconhecimento da tristeza ou da depressão, pois a sociedade reprova tais manifestações. Contudo, nessa configuração há uma contradição, pois na medida em que a autoestima é regulada pelo sentimento de satisfação e proximidade em relação aos ideais (Hornstein, 1989), e o contexto não oferece condições de realizar essa aproximação (Maia, 2005), ocorre um paradoxo. Conseqüentemente, o sujeito pode padecer psiquicamente, mas, conforme Kegler (2006), como não lhe é permitido sentir a sua dor, ele acaba agindo a sua dor, seja na ausência de ação (depressões) ou na ação total (adições, impulsividades, compulsões). Contudo, Hornstein (2008) sustenta que muitos homens deprimidos não são diagnosticados, pois a atitude manifestada não consiste em retirar-se no silêncio do abatimento, mas sim no ruído da violência, no consumo de drogas ou na adição ao trabalho, caracterizando uma irritabilidade. Sobre os motivos que levam um homem a deprimir-se, Burin (2000) cita que a perda financeira é um dos maiores fatores de risco, enquanto, nas mulheres, as perdas afetivas estão em primeiro lugar. Nessa direção, os entrevistados verbalizam:

“A queixa geralmente é essa: não estou feliz. Claro, tem casos mais marcantes. A mulher que encaminha, a família que encaminha, porque está bebendo demais, porque está fazendo uso de drogas. Primeiro são transtornos depressivos. Quase todo o mundo por sua série de contingências passa por períodos depressivos.” (P1)

“Muitos homens acabam por terem dificuldades, de aceitar esse crescimento da mulher e se sentem com auto-estima abalada, porque a mulher passa a exigir desse homem fundamentalmente afeto. Eu vejo com muita frequência essa situação, que é em relação às mulheres, mas que vai repercutir nos homens. Elas dizem: eu busco um homem que me acompanhe como companheiro, eu não preciso de um provedor, de alguém que me banque financeiramente, então esse homem passa a não ter esse papel mais tão necessário e isso acaba, pelo menos com muitos homens que me procuram, acaba por deixá-los muito angustiados.” (P7)

Diante dessas constatações, percebe-se o quanto o homem ainda sente-se vulnerável diante da ascensão profissional da mulher. Ao referir a situação econômica, Hornstein (2007) menciona que os desempregados estão sendo classificados como excluídos. Em uma sociedade ocidental que prima pelo consumo, o homem que não possui renda, ou que depende economicamente da outra pessoa, não só está excluído de um salário mensal, como também não é percebido, sendo tragado por uma rachadura social que ninguém quer chegar perto. Eles estão excluídos do olhar dos que estão, no momento, incluídos, provocando um colapso narcisista que traz a depressão como seqüela. Segundo o autor, os deprimidos apresentam uma visão pessimista de si mesmos e do mundo, assim como um sentimento de impotência e fracasso, além de uma perda na capacidade de experimentar prazer. Nesse sentido, conforme a fala anterior do Participante 7, ao sentir-se desestabilizado em relação à nova posição da mulher, bem como ao experimentar sentimentos de angústia e depressão, o homem parece ser impedido de demonstrar o afeto que a parceira lhe exige. A fim de se defender e garantir uma mínima sobrevivência psíquica, esse homem permanece autocentrado libidinalmente, prejudicando suas relações afetivas. No que se refere às questões da sexualidade, percebe-se a intrínseca associação dessa com a auto-estima, como menciona a Participante 8:

“Uma mulher pode ter uma relação sexual não se sentindo tão inteira em termos de auto-estima. Pode. O homem, não. Porque uma relação sexual para um homem depende de uma ereção. E uma ereção tem a ver com uma auto-estima, de certa maneira regulada. Aí são as questões específicas da demanda masculina de tratamento. Então, quando o homem se angustia em relação ao que ele é, ou seja, o quê que ele esperava que ele seria e o que ele é. Quando existe uma angústia nesse descompasso, essa angústia pode se traduzir em uma sintoma sexual de impotência ou de ejaculação precoce.” (P8)

Sobre os emblemas da chamada ‘sexualidade masculina normal’, Meler (2000) afirma que a obrigação de tomar a iniciativa para o ato sexual implica um grau de exposição ao rechaço, o que pode ocasionar sofrimento nos homens. Além disso, eles também temem a iniciativa feminina, pois os angustia a perspectiva de não cumprir com o desempenho esperado. O temor está sustentado pelo estereótipo de que, quando solicitados sexualmente, é proibido negar, já que sua masculinidade será questionada. Para a autora, os homens apresentam uma obsessão pelo desempenho sexual. Deve-se cumprir o proposto, mesmo que

não se tenha desejo, bem como buscar motivar-se em imagens fantasiadas quando a realidade é decepcionante.

A partir da angústia pela exigência da performance, percebe-se como o uso de drogas e álcool acaba sendo algo que alivia esses indivíduos. Segundo Hornstein (2008), o alcoolismo e as adições podem ser considerados como automedicação e costumam ser a outra face do vazio depressivo. No caso dos homens, percebe-se que este problema é agravado, na medida em que o álcool tem uma conotação positiva para a masculinidade, indicando força e resistência. Para Hornstein (2008), neste contexto,

à implosão depressiva, responde à explosão aditiva; à falta de sensações do deprimido, responde a busca de sensações do drogadito. A depressão e o abuso de substâncias formam um círculo vicioso, pois o abuso de substâncias consiste em uma tentativa de se livrar da depressão, mas o dano que por causa delas experimentam a acentua (p.13).

Nesse sentido, Maia (2005) complementa que, na sociedade do consumo, há um ideário de prazer que em nada serve para saciar a necessidade de prazer do cidadão comum, o que gera um eterno estado de insatisfação. Assim, o adicto responde ao imperativo da sedação da dor por meio da busca do prazer imediato proporcionado pela droga. Na adição, busca-se narcisicamente lidar com a dor, alcançando um estado de plenitude primitivamente encontrado. Entretanto, rapidamente a euforia, a felicidade e o bem-estar encontrados de forma contingente se tornarão um compromisso imperioso. Na evitação da angústia, a repetição do uso da droga pode se tornar compulsiva, aprisionando o sujeito. A respeito desses aspectos, os entrevistados referem:

“Eu acho que se produz tantas alternativas da ‘passage al act’ que o homem não chega a perceber o sofrimento que deveras sofre, porque quando sofre, quando premido pelo sofrimento, quando ameaçado pela chegada do sofrimento, tem uma possibilidade de atuar. Seja na ingestão excessiva alcoólica, que é um problema sério, seja no uso de outras drogas de abuso, seja cada vez mais no crack. É o grande manejo do sofrimento. Vamos dizer assim, é uma solução contemporânea para o sofrimento. Agora tu imagina o risco que ela acarreta, ou pelo menos o tipo de problema que ela acarretará para o nosso trabalho. A impossibilidade de sofrer na presença de tanto sofrimento. O paradoxo e a dialética dessa questão, na presença de tanto sofrimento. Então o sofrimento fica elidido por outros sofrimentos.” (P2)

“Há um embate entre a exigência de performance, os meios limitados de render essa performance. E como enfrentar isso sem adoecer? Porque eu entendo a doença como o resultado disso. Ele vai beber, ele vai cheirar, fumar maconha, vai ter uma vida sexual promíscua, vai fazer muitas conquistas sexuais, ou vai gastar um dinheiro que não tem. Vai exagerar nas drogas, nas compras, vai fazer um sintoma, quase fazer uma psicose.” (P5)

Sobre o mecanismo de passagem ao ato, Macedo (2006) refere que o ato expressa a impossibilidade de contenção de um excesso pela representação simbólica. Assim, a incapacidade de atribuir uma representação psíquica ao conflito faz com que o ato seja o recurso predominante para esse psiquismo. Entretanto, segundo a autora, mesmo na ocorrência do ato como ato evacuatório, “o excesso (traumático) continua impondo ao psiquismo uma demanda de trabalho para o qual aquele não encontra recursos de mediação” (p. 234). Nesse sentido, o trabalho psicanalítico apresenta grande importância, pois oferece, na contramão das demandas contemporâneas, uma tentativa de compreensão e elaboração do conflito. Quando os ditos ‘recursos’ da contemporaneidade para a resolução de problemas falham, retornando o sentimento de angústia, é aí que se busca o tratamento psicanalítico, conforme cita o Participante 2:

“As pessoas, lançando mão desses recursos da contemporaneidade, esses recursos falham. Em algum momento eles falham, claro que falham. E nós trabalhamos na falha dessas soluções! (...) Todas as soluções da contemporaneidade, num certo sentido, são frágeis e superficiais. Quase sempre histéricas, eu diria. Porque são fruto da sugestionalidade e são superficiais na identidade da pessoa”. (P2)

No que tange à disponibilidade do homem para buscar um tratamento analítico, Kehl (1996) refere que o gênero masculino é ‘blindado à análise’, até o momento em que alguma dúvida ‘histerize’ um pouco o sujeito, no sentido de questionar-se a respeito de sua virilidade. A autora refere que o homem se sente pressionado em ter que conservar seu órgão sexual como um objeto fálico, sendo uma ameaça nesse sentido recebida com angústia e pavor. Além disso, para a autora os homens parecem buscar tratamento para confirmar a sua masculinidade através de um trabalho intrapsíquico, já que o contexto social contemporâneo não garante uma sustentação identificatória, pois oferece objetos exteriores muito fugazes. Os entrevistados do estudo referem que os homens buscam atendimento na tentativa de compreender melhor seu sofrimento, pois muitas vezes nem sabem identificar o motivo pelo qual sofrem. Da mesma forma, procuram atendimento psicanalítico para reconhecerem a si próprios, como exemplificam as verbalizações:

“Os homens, pelo que parece, são freqüentemente levados ao tratamento por circunstâncias. Ou porque alguém quer que eles se tratem ou porque os sintomas colocaram eles perante uma impossibilidade, uma situação de rejeição, ou a mulher que quer se separar, ou fracasso profissional. Então na procura, eu acho que as mulheres procuram mais por uma questão intrapsíquica, vamos dizer assim, de sofrimento intrapsíquico, e os homens em maior porcentagem procuram, ou por uma circunstância externa à nível performático, que leva eles então ao tratamento, porque eles não conseguem atingir os seus objetivos. Só que eu acho que as mulheres mais freqüentemente vêm por um sofrimento subjetivo, não tanto por uma situação objetiva. A vivência subjetiva da mulher acaba colocando ela perante problemas

objetivos. E eu acho que no homem é ao contrário, perante um problema objetivo, ele é obrigado a se voltar para examinar os aspectos da sua subjetividade.” (P9)

“As pessoas buscam análise porque o que elas conhecem de si mesmas é muito menor do que elas possam dizer. Então, tu pode dizer que está deprimido, por exemplo. Agora, quando a pessoa está deprimida, ela não sabe o porquê. Ela só sabe que não se sente bem, que ela não vê razão, que ela não vê sentido na vida..” (P8)

“Conseguir que a pessoa se implique no seu sofrimento, se reconheça como autor do seu sofrimento, como artífice do seu sofrimento, me parece o nosso objetivo. E o que é difícil fazer. Porque a pessoa sempre procura se resgatar como vítima do passado. (...) na verdade, me parece que a gente dá ao paciente não o que ele foi buscar, mas o que a gente tem pra dar. Porque o que ele veio buscar a gente não tem pra dar! (...) O que a gente tem que a gente procura dar? O auto-conhecimento. A pessoa conhecer, ter uma idéia, se apropriar da idéia dela como construtora do seu padecimento. Mas algumas pessoas podem ter disso uma experiência de integração, de se apropriar de si mesmo, de ter uma percepção mais clara da sua realidade psíquica, da sua vida pulsional, especialmente o trabalho da pulsão de morte, que a gente vê nos outros, mas o que se vê na gente, a auto-destrutividade. E essa experiência de crescer dessa maneira, eu diria que talvez fosse a genuína demanda de análise. (...) o alívio do seu sofrimento pela via do conhecimento de si mesmo, não por outras vias.”(P5)

Apesar da inegável importância da compreensão de si mesmo oportunizada na clínica psicanalítica, bem como do alívio do sofrimento e do autoconhecimento como resultados alcançados, pode-se dizer que há uma leitura da psicopatologia na pós-modernidade que se caracteriza pelo paradigma biológico. Birman (2007) refere que

com isso, as psicoterapias ficam em um plano secundário no campo da intervenção terapêutica, centrada substancialmente nos psicofármacos; com isso, a Psicanálise passa a ocupar um lugar secundário e periférico no discurso psicopatológico atual. Além disso, as intervenções assumem uma incidência pontual, baseando-se em disfuncionamentos em que o registro das histórias dos sujeitos é algo absolutamente secundário (p.186).

Assim, os recursos farmacológicos ajudam a manter o sujeito distanciado do sentimento de seu padecimento. Entretanto, a Psicanálise pode contribuir na compreensão da complexidade predominante da atualidade ao dar destaque ao singular, gerando um espaço de atenção e cuidado no qual o intrapsíquico é valorizado e escutando a implicação do sujeito com seu sofrimento (Dockhorn e Macedo, 2008). A Psicanálise, para Roudinesco (2000) “restaura a idéia de que o homem é livre por sua fala e de que seu destino não se restringe ao seu ser biológico” (p. 9). Para a autora, diante da dinâmica dos tempos atuais, principalmente no que se refere à valorização de uma competitividade desencadeada pela busca do sucesso material, muitos sujeitos acabam preferindo fazer uso de substâncias químicas que os

anestesia do que falar sobre os seus sentimentos íntimos. Assim, o silêncio passa a ser preferível à linguagem, já que essa pode ser fonte de angústia e vergonha para o sujeito.

Diante do exposto, desenvolve-se a terceira categoria final, a qual derivou das categorias iniciais e intermediárias expostas no quadro abaixo, denominada “**A vigência da Psicanálise como recurso ético na clínica contemporânea do masculino**”. Essa categoria ressalta a capacidade de escuta e o potencial terapêutico viabilizados na vigência da clínica psicanalítica.

Quadro 4. Dados referentes à Categoria Final 3

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Qualidade da escuta psicanalítica	Exigências éticas da escuta analítica na clínica do masculino	A vigência da Psicanálise como recurso ético na clínica contemporânea do masculino
Analista considerando sua própria implicação na contemporaneidade		
Especificidades do atendimento psicanalítico com pacientes homens		
A transferência como recurso essencial do processo analítico		
Necessidade de repensar a teoria psicanalítica para atender às novas demandas		
Ampliação do acesso à Psicanálise	Necessidade de cuidado e manutenção do potencial inovador e criativo da Psicanálise	
Necessidade de flexibilização do setting analítico		
Transformações na busca por tratamento		
Psicanálise: prática clínica que constrói teoria		
Espaço analítico situando-se na contramão das imposições da contemporaneidade		

Os motivos de busca para um tratamento psicanalítico podem variar para quem o procura, mas a vivência da escuta do paciente por parte do psicanalista, seja pela palavra ou pelas manifestações de seu agir, possibilita-lhe atribuir significado às suas dores. Assim sendo, a Participante 4 refere:

“Se um sujeito vem procurar uma análise, é porque ele pode ser analisado, senão ele não viria procurar. Então depende do analista poder ter uma escuta ética, e essa ética da escuta, não quero uma escuta pré-determinada, eu tenho que ouvir o quê que está trazendo esse sujeito. E o que vai trazer esse sujeito é a singularidade dele. A singularidade daquilo que ele acha que ele sofre. Isso não sou eu que tenho que dizer se isso é sofrimento ou não. Ele é que está nomeando assim.” (P4)

Conforme Macedo e Falcão (2005), a situação analítica é, por excelência, uma situação de comunicação, na qual circulam demandas que expressam o desejo e a necessidade de serem escutadas. A modalidade de escuta, oferecida pela Psicanálise, possibilita a compreensão do sofrimento humano a partir de dois trabalhos: o de escutar a palavra do outro e o de produzir palavras que venham ao encontro desse pedido de ajuda. O analista atua, dessa forma, como um decifrador, pois utiliza seus recursos técnicos para traduzir e revelar ao sujeito seus desejos. Nessa relação singular, estabelecida no encontro analítico, dão-se as

condições para que o trabalho psíquico de tornar consciente o inconsciente aconteça. Longe de delegar um papel passivo ao paciente, a exigência de seu trabalho associativo o coloca, para Psicanálise, como centro desse processo de autoconhecimento, a partir da produção de sentidos singulares e pertinentes a sua história.

Nesse sentido, a transferência ganha força como um recurso essencial e privilegiado do processo analítico. Nela, a palavra dirigida ao analista terá que ser remetida às suas originais determinações, evidenciando o valor de uma história sempre única e singular. A busca pela historização do sujeito torna-se imprescindível como forma de recuperar sua verdade histórica (Macedo e Falcão, 2005). Segundo Hornstein (2008), o começo de um encontro analítico baseia-se na inter-relação de duas histórias. Evidentemente o analisando traz a sua, mas o analista também aporta a esse encontro a sua própria história, no que diz respeito ao seu percurso pessoal, teórico, prático, institucional e social. Assim, mediante a sua implicação subjetiva, o profissional multiplica potencialidades e disponibilidades no trabalho analítico, pois produz uma caixa de ressonância para a escuta das demandas de seu paciente. Nessa lógica, cabe ressaltar a inserção do terapeuta no contexto contemporâneo, bem como o seu envolvimento subjetivo no processo analítico. Os entrevistados manifestam:

“Porque eu, evidentemente como psicanalista, também sou um produto desse meio. Sou produto desse meio que exige do homem sucesso, dinheiro, potência, representação social. Então, de certa forma, tecnicamente acho que eu me incluo também dentro desse grupo, evidentemente, não poderia estar fora desse grupo de homens que também de uma maneira é cobrado. Então, tecnicamente também parece que eu tenho que desenvolver uma escuta diferenciada para poder entender isto que é da ordem da sensibilidade masculina”. (P9)

“Obviamente eu vejo as pessoas com os meus olhos, com a minha cabeça, com a minha teoria, com a minha experiência, com a minha subjetividade. Então, a partir da minha bagagem, da minha vivência clínica e teórica, eu interpreto a queixa por esse viés”. (P5)

É possível perceber a exigência de uma implicação ética por parte do profissional, enquanto sujeito que também se constituiu frente às mesmas demandas sociais e no mesmo contexto histórico. Porém, ao se reconhecer como sujeito de um contexto externo comum, o psicanalista não pode se furtar, em nome da manutenção de uma escuta ética, de levar em consideração as diferenças e complexidades presentes no processo de construção de um sujeito psíquico e, tampouco, as diferenças entre valores, projetos e metas que marcam a fecundidade e a autonomia desse encontro. Dessa maneira, evidencia-se a importância da capacidade interrogativa proposta por Freud, tornando a clínica como um espaço gerador de reformulações e acolhimento frente aos fenômenos humanos, priorizando a singularidade de uma história e prescindindo-se de pré-conceitos (Dockhorn e Macedo, 2008). Por não saber

antecipadamente do outro, é que o psicanalista pode escutá-lo em sua singularidade. Para tal qualificação, é importante salientar o famoso tripé que cabe ao analista: a formação teórica, a atividade de supervisionar-se e a sua análise pessoal (Macedo e Falcão, 2005).

Neste aspecto, Kupermann (2008) refere que qualidade do encontro afetivo que se estabelece entre analista e analisando conduz à criação de um estilo clínico baseado em uma ética do cuidado. Segundo o autor, o tratamento de pacientes com severas falhas em sua constituição narcísica oportuniza a estes a concretização de uma história com ‘um novo começo’, oferecendo condições para o preenchimento das primitivas lacunas que ficaram em aberto no psiquismo. Dessa forma, o analista é convocado em sua disponibilidade sensível para promover a produção de sentidos que é própria da experiência analítica.

Ao abordar as especificidades da escuta na clínica psicanalítica, principalmente no que se refere à clientela masculina, os entrevistados referem:

“Eu acho que o homem tem uma função diferente da mulher na sociedade, na família. É o homem que decide, com isso eu não estou dizendo que a mulher não decide, eu estou dizendo que tem essa representação, então tu tens que ter muito respeito quando esse homem vem ferido na sua representação. Ou seja, ele está abalado porque ele não corresponde a essa representação cultural, e isso não é fácil de ser admitido. Então tu tem que encontrar na escuta do outro muito respeito.” (P4)

“Eu vejo muito homens aqui, por exemplo, comigo, que tem uma transferência masculina, eu vejo eles, às vezes, um pouco assustados e isso é uma questão técnica que eu tenho que quebrar com eles já desde o princípio. Quebrar ou pelo menos fazer com que isso apareça para que seja trabalhado no consultório, vejo eles preocupados em estar se sensibilizando junto a um analista homem.” (P9)

É possível perceber o reconhecimento e a importância atribuídos à presença do processo transferencial nas falas dos entrevistados. Conforme sustenta Kupermann (2008), é no campo transferencial que o trabalho psíquico do analista exerce efeitos terapêuticos. Para isso, Nasio (1999) refere que o analista precisa dominar a técnica, pressupondo que este deve assumir o papel da direção do tratamento, no sentido de orientá-lo para um ponto particular de ruptura, o qual denomina de experiência analítica. Ao mesmo tempo, o autor refere que o analista deve saber que o objetivo a ser perseguido não será alcançado caso o analista siga assumindo para si mesmo esse papel, pois o analista deverá “ter a liberdade de ser o mais inconsciente dos sujeitos, o mais inocente, o mais desarmado, o mais exposto aos fenômenos do inconsciente” (p. 09), a fim de montar o cenário para que a verdade inconsciente do paciente apareça.

Assim sendo, a transferência, no processo terapêutico, é um recurso fundamental, pois designa “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica” (Laplanche e Pontalis, p. 514). Segundo Freud (1917

[1916]/2006), a transferência deve ser devidamente manejada no campo analítico, com a finalidade de mostrar ao paciente que seus sentimentos demonstrados e aplicados à pessoa do analista não se originam da situação atual, mas sim que eles estão a serviço da repetição de algo ocorrido anteriormente na vida do paciente. O autor atesta e testemunha a importância do recurso transferencial afirmando: “a transferência que, amorosa ou hostil, parecia de qualquer modo constituir a maior ameaça ao tratamento, torna-se seu melhor instrumento, com cujo auxílio os mais secretos compartimentos da vida mental podem ser abertos” (Freud, 1917 [1916]/2006, p. 444). Assim, no fenômeno transferencial, ocorre uma repetição dos protótipos infantis, que são novamente vividos com um sentimento acentuado de atualidade. Cabe destacar, porém, não se tratar de uma mera repetição, pois essa, ao ser trabalhada no encontro analítico, proporcionará um outro desfecho para a história, oferecendo um novo destino, via elaboração, para uma intensidade psíquica desligada que insistia em retornar. Deste modo, Freud (1917 [1916]/2006) refere que a transferência, a partir da intervenção do analista, conduz à transformação da repetição em lembrança.

Levar em consideração as demandas transferenciais exige do analista um conhecimento dos efeitos dessa demanda sobre si mesmo. Ou seja, como ilustra o Participante 2, não se trata de repetir no cenário da análise a imposição de outro tipo de demanda ao paciente, mas sim de propor um modelo distinto do que se faz presente na história de seu padecimento. Romper a mera repetição implica um posicionamento diverso do analista mediante a escuta dessas demandas transferenciais.

“Rigorosamente a técnica ainda não mudou substancialmente, mas a reflexão sobre a contemporaneidade, sim. Não se pode pretender que essas reflexões sobre como se organiza o mundo contemporâneo se reflitam sobre esses detalhes da técnica clássica, que é mais respeitosa naquilo que a pessoa quer mudar em si mesma. Eu acho que trata-se sobretudo disso, o quê que cada um quer mudar a respeito de si mesmo, não do que eu quero mudar nela.” (P2)

Enfatizando o trabalho analítico, Hornstein (2008) compara a atividade do paciente com a de um historiador, pois o sujeito tem que se remeter ao seu passado, apropriar-se dele e transformá-lo. Para o autor, “a historicidade supõe um sujeito capaz de pensar (e criar) seu presente, seu passado e seu futuro” (p. 145-146). Dessa forma, percebe-se o envolvimento e responsabilidade que os dois componentes do par analítico possuem. Segundo Kehl (1996), a Psicanálise implica uma ética em que o empenho em curar não deve ser focado apenas no analista, mas principalmente no analisando, pois o paciente é responsável pela condução da sua própria análise, a qual deve ser guiada pelo próprio desejo do sujeito. Conforme Hornstein (2008), o analista tem a tarefa de pontuar o discurso com intervenções, ligando elementos e

anulando o trabalho de desligamento da pulsão de morte. Dessa forma, para Dockhorn, Macedo e Werlang (2007), é possibilitado ao paciente uma simbolização estruturante, a partir do resgate de sua história e da metabolização do excesso. Assim, a análise implica que analisado e analisando possam, juntos, oferecer um destino representacional e simbolizante para uma intensidade dolorosa que se encontrava destituída de sentido. Nessa direção, ressalta-se como a construção compartilhada, oportunizada no encontro analítico, proporciona um espaço de intimidade para o analisando.

Pode-se associar a reflexão sobre a dinâmica que marca o encontro analítico ao alerta de Bauman (2004) a respeito de relações difusas e vorazes que marcam a contemporaneidade. Para o autor, nessas modalidades de relação, “a distância não é obstáculo para se entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte” (p.82). Portanto, a clínica psicanalítica se mostra como um valioso recurso que, na contramão dessa demanda contemporânea, busca a constituição e a manutenção de relacionamentos afetivos ao oferecer um genuíno espaço de vinculação. Dessa forma, o Participante 5 faz alusão à possibilidade de recriar ou, até mesmo, de descobrir um espaço de investimento afetivo e de relações de alteridade com a devida profundidade:

“É uma demanda por intimidade, o que o analista tem a oferecer é a intimidade. Porque a gente vive numa sociedade aonde a intimidade está banida. Existe uma pseudo-intimidade, ela está às avessas, porque todo o mundo tem a sua página no Orkut, os seus blogs, então parece que ali está toda a intimidade da pessoa. Quando o que era íntimo se tornou público, o que é íntimo onde é que ficou? Some! E, de fato, o íntimo fica escondido. Então eu acho que a análise é um lugar também de descobrir ou talvez redescobrir um espaço de intimidade. E há uma tendência de se ter muitos contatos e relações superficiais, e uma perda da intimidade, do contato consigo mesmo e com o outro, pensado como alteridade, não meramente um reflexo de si mesmo, um espelhamento narcísico, eu acho que isso é o ouro pra Psicanálise.” (P5)

Nesse sentido, percebe-se como a Psicanálise não pode permanecer estanque e rígida no tempo. Os diferentes modos de padecimento psíquico na atualidade têm representado um grande desafio para a Psicanálise, que não se estagnou diante de novas demandas, mostrando-se fecunda como um saber consistente para a compreensão dos fenômenos psíquicos e seus desdobramentos na existência e no padecimento de cada sujeito. Hornstein (2008), mencionando o legado freudiano, adverte que a técnica deve se adequar à singularidade do paciente. Assim, Dockhorn e Macedo (2008) complementam que a Psicanálise, enquanto teoria e técnica, nunca estará acabada, pois exige constantes revisões e reformulações que mantenham sua capacidade de questionar, refletir e analisar os fenômenos humanos. Dessa maneira, denota-se a importância da flexibilização da técnica e da continuidade de produção de conhecimento psicanalítico, conforme ilustram os entrevistados:

“Eu tenho um encantamento com a Psicanálise, mas o meu encantamento com a Psicanálise é exatamente nesse legado da Psicanálise nessa escrita do discurso psicanalítico que é uma teoria nunca acabada, uma teoria sempre possível de ser pensada. Ora, se teoricamente é possível sempre estar se pensando, clinicamente também. O que serve para esse paciente, não serve para outro. E isso não é não ter uma sustentação teórica, técnica. Mas eu tenho que escutar o sujeito na singularidade dele. E aí eu posso fazer então esses desdobramentos de intervenção, muitas vezes isto está no Freud, mas o quê que a gente entende por isso? Que muitas vezes tu trabalha com uma interpretação, em outras patologias tu vai trabalhar com essa construção. Essa atividade que o analista precisa ter.” (P4)

“A questão da Psicanálise ser uma teoria muito viva. Eu acho que a Psicanálise precisa seguir como, desde a sua criação, sendo reescrita. Os pacientes que produzem conhecimento. É só pegar um material associativo do paciente que tu já tem a tua tese inteira. Só precisa depois é fazer ele trabalhar.” (P3)

“Com relação à produção de conhecimento que é claro que o conhecimento que Psicanálise tinha há 100 anos atrás, é um conhecimento que se referia a aquelas condições de tempo e espaço. E o mundo é outro. Só que o interessante de tudo, o mais bonito de tudo, é que a Psicanálise não é uma teoria que se construiu e depois foi para a prática. A Psicanálise é uma prática que constrói teoria. Tudo em Psicanálise é baseado na clínica, e clínica é uma visão do mundo. É ver os processos inconscientes envolvidos em qualquer processo”. (P8)

A Psicanálise segue acompanhando os acontecimentos históricos, reformulando-se a partir das novas formas de constituição das subjetividades que aparecem na clínica. Para Hornstein (2008), o psicanalista, ao herdar a teoria psicanalítica, deve efetuar uma leitura problemática, histórica e crítica, a fim de diferenciar entre a história que já caducou e o passado que ainda se faz presente na atualidade, de forma a utilizar em sua prática clínica os conceitos que ainda se fazem valiosos. Como bem enfatiza Bleichmar (2007), aqueles que deixaram o legado psicanalítico tentaram o melhor para a época em que lhes coube viver, mas quem recebe esse legado deverá separar dela o que obstaculiza o pleno desenvolvimento psicanalítico. Assim sendo, a flexibilização do setting terapêutico oportunizou uma ampliação no seu acesso, bem como uma modificação na forma e nas modalidades de busca pelo tratamento. Os entrevistados verbalizam:

“O terapeuta está sendo convidado a essa flexibilização, ou seja, qual é o melhor papel, ou qual é o papel que aquele homem vai conseguir ter, que mais agrada a ele ter, quais as concessões que ele vai ter que fazer, quais as concessões que são possíveis para ele fazer. E isso exige, então, uma flexibilização da escuta, uma flexibilização do “setting”, no sentido de poder acompanhar essas diferentes exigências, sem esse engessamento das interpretações, dos entendimentos. Eu acho que esse é o grande desafio, a meu ver, do nosso papel atual em relação ao homem.” (P7)

“Mas o que dá pra dizer, nessa ‘veterania’ que eu tenho, eu comecei nos anos 60 e poucos, que o homem tinha vergonha, uma sensação de fracasso se ele procurasse um terapeuta, um analista. Isso eu já não noto mais. Então eu posso dizer assim, a clientela em si, mudou. Mas mais especificamente com os adultos, eles vem com

naturalidade agora, terminou aquela coisa, 'que vergonha, homem que é homem vir aqui!'. (P1)

Nessa direção, os entrevistados são unânimes em ressaltar que, atualmente, os sujeitos do sexo masculino têm apresentado maior busca analítica no que se refere aos seus padecimentos psíquicos. Antigamente, os participantes destacaram que a clínica era basicamente constituída por pacientes mulheres, sendo a clientela masculina inserida em terapias de casal ou em terapias focais, como grupos de alcoólicos anônimos, por exemplo. Contudo, nos dias de hoje, os homens parecem não apresentar mais o receio que os impedia de buscar análise. Apesar de a contemporaneidade tentar afastar a percepção de sofrimento, a Psicanálise segue vigente em sua capacidade de escutar a singularidade do sujeito e fazê-lo dar-se conta de seus processos psíquicos. Dessa forma, reafirma-se que o espaço analítico situa-se na contramão das imposições contemporâneas. Conforme explicita Macedo (2003), a respeito da necessidade de uma escuta diferenciada do padecimento psíquico, percebe-se a imperiosa necessidade de

não minimizar a importância e as conseqüências de tal padecimento, uma vez que o ser humano, atualmente, parece não ter tempo para si e passa, por isso, a maior parte da sua vida tentando distanciar-se, primeiro de si mesmo, para depois evitar, a qualquer custo, uma experiência de alteridade” (p. 174).

Segundo a autora, tal situação denota um estado na qual o sujeito “precisa correr tanto que já não sabe se a pressa tem a ver com o que busca ou se está aprisionado na impossibilidade de parar por não saber o que encontrará ao olhar-se” (p.174). Tais constatações derivam de falas, como a da Participante 8:

“A gente tem que através da clínica mostrar para cultura que talvez é muito dolorosa a castração, mas que a gente é muito mais tranqüilo castrado, do que não castrado. Então, o atendimento das subjetividades contemporâneas permite que os psicanalistas possam revelar para as pessoas quais são as conseqüências de enfrentar os problemas que elas tem medo de enfrentar, que a cultura tem medo de enfrentar.” (P8)

Nesse sentido, ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica, Freud reformulou seus construtos, sempre objetivando dar conta dos fenômenos que a clínica lhe mostrava. De acordo com Kupermann (2008), inicialmente, ao propor o método catártico, Freud acreditava que o ‘lembrar dói’, sugerindo o resgate da memória como tratamento. Depois, acreditou que o ‘pensar dói’, sugerindo que o tratamento consistisse em desvelar os conteúdos representacionais recalçados que estivessem originando o conflito. Finalmente, acreditou que o ‘saber dói’, propondo a atuação da Psicanálise a partir da interpretação da transferência e

das resistências ao tratamento, a fim de que o paciente se apropriasse de sua história e se tornasse artífice dela. Dessa forma, o autor afirma que o psicanalista contribui “para minorar o sofrimento restritivo daqueles que aceitam o convite de enveredar na experiência de produção de sentido compartilhado, facilitando a emergência de uma vida mais potente e criativa” (Kupermann, 2008, p. 11). Para o autor, a vertente terapêutica da Psicanálise propõe privilegiar a singularidade de cada analisando, bem como a dignidade de seu sofrimento. Macedo, Werlang e Dockhorn (2008) complementam a afirmativa, referindo que a técnica psicanalítica não visa apenas a tornar manifesto os enigmas do inconsciente, pois tal acesso permite ao sujeito uma condição de liberdade e conhecimento do si mesmo que lhe proporciona uma maior autonomia.

No que se refere à masculinidade, a ética da Psicanálise se faz presente na medida em que se propõe a não impor um modelo a ser seguido pelo paciente, mas sim a abrir a possibilidade respeitosa de o homem se deparar com o que lhe faz sofrer e construir com este o modelo que lhe seja saudável. Ou seja, o compromisso ético dessa modalidade de escuta está em reconhecer o direito de o sujeito ser, efetivamente, o produtor de sentidos e rumos de sua vida. Por isso, situar-se na contramão das demandas de excesso da contemporaneidade confere à Psicanálise sua maior fonte de vigor.

Considerações Finais

Este estudo procurou abordar o padecimento masculino configurado no cenário contemporâneo. Para tal, buscou-se explorar a experiência da escuta de analistas os quais, em seu exercício clínico, se deparam diariamente com as demandas masculinas.

A complexidade dos tempos atuais é abordada sob o olhar de diferentes áreas da ciência e, por isso mesmo, a Psicanálise não pode se furtar a contribuir, desde seus aportes teóricos e técnicos, na promoção de um debate amplo e profundo a respeito dos efeitos de aspectos da contemporaneidade na produção de subjetividade. O cenário da clínica psicanalítica passa, também, a contemplar os enlaces que se dão entre as características dos tempos atuais e as modalidades de padecimento psíquico. Como sempre ocorreu na história da Psicanálise, os fenômenos da clínica são importantes fontes de interrogações, e deles se gera a uma força propulsora de novas proposições teóricas e técnicas.

Dessa forma, trata-se de enfatizar a importância de dar atenção à subjetividade, compreendendo-a desde uma inserção numa cultura de excessos. Tal cultura pode propiciar o surgimento de certos tipos de padecimento psíquico, tendo em vista as características que esta contempla, mas o estudo realizado permite afirmar a impossibilidade e, também, a limitação

de uma compreensão linear de causa e efeito entre as características de uma cultura e a produção de padecimento psíquico no cenário da masculinidade. Nesse sentido, não é porque o indivíduo está inserido em uma determinada cultura que ele irá adoecer psiquicamente. Daí decorre a relevância de estudos que lancem um olhar aprofundado e interrogativo sobre a complexa dinâmica que se faz presente nessas situações. Destaca-se, no cenário da Psicanálise, uma importante contribuição de Bleichmar (2007), ao destacar elementos invariantes no processo de constituição psíquica. Para a autora, “a constituição do psiquismo, por sua parte, tenta cercar um conjunto de variáveis que implicam certa universalidade, cuja permanência se sustenta mais além de certas mudanças na produção de sujeitos históricos” (p. 83). Logo, a Psicanálise contribui com seus construtos teóricos para uma leitura a respeito de questões vinculadas à constituição do psiquismo e à produção de subjetividade.

A clínica psicanalítica se constitui, por excelência, como um espaço no qual adentra a singularidade de uma história, assim como nela se faz necessário o exercício ético de escutar o padecimento de alguém que, ao buscar o recurso da análise, se mostra disponível para refletir a respeito de sua história. Os entrevistados demonstram, por meio de suas falas, a importância de se estudar esses padecimentos e suas intrincadas relações com fenômenos tais como o narcisismo, a produção de ideais, a transferência, entre outros.

Torna-se importante refletir a respeito das diferenças que se fazem presentes no processo de construção da masculinidade, assim como considerar o papel desempenhado pela identificação com outros modelos masculinos e femininos. Por meio de seus enunciados identificatórios, não só as figurais parentais, mas, também e, através desses, a cultura e seus valores adentram a história de uma pessoa. Estando todos sob importante e inegável influência do que é ofertado desde valores e padrões, não se pode negar a relevância de investigar a intensidade desses produtos sociais na construção da personalidade humana.

Resgata-se, neste estudo, a idéia de que o processo de subjetivação masculina não é, como erroneamente possa parecer, menos complexo do que o feminino. Não se trata, portanto, de compará-los, mas sim de enfatizar suas diferenças, bem como de apontar os aspectos que se interferem mutuamente.

As três categorias estruturadas no decorrer deste estudo tornam possível compreender os efeitos que as demandas contemporâneas produzem no campo intersubjetivo, viabilizando o entendimento dos padecimentos que podem acometer os sujeitos do sexo masculino nos tempos atuais. Da mesma forma, o estudo aprofundou determinados conceitos do campo analítico, de forma a encontrar e reconhecer na Psicanálise um recurso ético e vigente na clínica contemporânea do masculino.

Cabe ressaltar que o gênero masculino ao qual o estudo se refere pertence à sociedade ocidental, pois estudos referentes às sociedades orientais terão outra realidade no que tange à dinâmica da cultura e à bagagem de um tempo histórico. Além disso, ressalta-se o fato de que os profissionais entrevistados nesse estudo exercem uma clínica psicanalítica em cidades consideradas como grandes centros urbanos, ou em cidades muito próximas a eles, e têm como oriundos da classe média a maioria de seus analisandos. Dessa maneira, não se pretendeu universalizar a compreensão obtida nesse estudo, mas sim aprofundar o conhecimento acerca de uma população clínica que sofreu diversas transformações ao longo do tempo. Da mesma forma, os achados relativos às configurações de padecimento masculino não objetivaram propor uma clínica dissociada, com sua teoria em particular. O estudo em questão propôs colocar em evidência uma população que foi 'esquecida' do discurso psicanalítico por um período e que merece destaque na contemporaneidade, devido às modificações e demandas singulares que lhe foram e ainda são impostas. Trata-se, portanto, de reconhecer a diferença entre a masculinidade e a feminilidade, não valorativa, mas sim, desde o ponto de vista da exigência de trabalho psíquico na construção de sua subjetividade.

Nesse sentido, pensar nas transformações que a contemporaneidade produz e impõe ao sujeito, conduz a relevantes reflexões sobre suas implicações, assim como sobre a possibilidade de abordar o efeito do excesso frente ao processo masculino. A compreensão desta temática, à luz da escuta analítica, evidencia a importância do trabalho do analista no seu ofício de acesso às diferentes modalidades de padecimento psíquico. Na medida em que o encontro analítico visa atribuir sentido à dor psíquica, a clínica é um campo privilegiado de qualificação do processo de genuíno autoconhecimento.

Esse estudo abordou o processo de escuta de analistas, considerando-se uma clínica com suas especificidades. Trata-se, portanto, de seguir investigando a dinâmica relação que se estabelece em outras condições sociais, econômicas e culturais quando se trata de refletir a respeito das demandas que levam um homem a buscar ajuda no cenário da clínica psicanalítica. Como a própria essência da teoria psicanalítica, este estudo retrata, também, a vigência saudável e necessária do aspecto mais genuíno do saber: sua incompletude.

Referências

- Arán, M. (2003). Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Estudos Feministas* 11 (2), 399-422.
- Araújo, M. F. (2005). Diferença e Igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica* 17 (2), 41-52.
- Bardin, L. (1988). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Berlinck, M. T. & Fédida, P. (1999). A clínica da depressão: questões atuais. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3 (2), 9-23.
- Berlinck, M. T. (2000). *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta.
- Birman, J. (2007). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. (2nd ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bleichmar, S. (2007). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós.
- Burin, M. (2000). Atendiendo el malestar de los varones. In: M. Burin & I. Meler. *Varones: Género e subjetividad masculina* (pp.339-364). Buenos Aires: Paidós.
- Chaves, J. (2001). Amor e ódio nos relacionamentos afetivos da contemporaneidade. In: M. R. Cardoso. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. (pp. 125-140) Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Chaves, J. (2003). *Contextuais e Pragmáticos: Os relacionamentos amorosos na pós-modernidade*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dockhorn, C.; Macedo, M. & Werlang, B. (2007). Desamparo e dor psíquica na escuta da Psicanálise. *Barbarói*, 27, 25-42.
- Dockhorn, C. & Macedo, M. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. *Revista Argumento Psicologia*, 54 (26), 217-224.
- Dorais, M. (1988). *O homem desamparado*. São Paulo: Edições Loyola.
- Freitas, L. G. (2004). O sofrimento na sociedade espetacular. *Humanitates*, 1(2), Acessado em 15 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.humanitates.ucb.br/2/sofrimento.htm>
- Freud, S. (1917 [1916] / 2006) Conferência XXVII: Transferência. In: J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol.

- XVI pp.433-448). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud (1914/2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In: L. Hanns (Ed. & Trad) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. I pp.95-131). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1909/2006). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. X pp.12-133). Rio de Janeiro: Imago.
- Gomes, R. (2003). Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 8 (3), 825-829.
- Hausen, D. (2004). O Trauma da Castração: sua origem/ sua sorte. *Revista do CEP de PA*. 11, 69-88
- Hornstein, L. (1989). *Introdução à Psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Hornstein, L. (2007, setembro). ¿Acaso los hombres no lloran? *La Nacion*, Buenos Aires.
- Hornstein, L. (2008). *As Depressões: afetos e humores do viver*. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudos psicanalíticos.
- Jerusalinsky, A. (2000). Prefácio. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, *O Valor Simbólico do Trabalho e o Sujeito Contemporâneo* (pp. 09-10). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Jerusalinsky, A. (2007). *Seminário V: O declínio do império patriarcal*. São Paulo: USP, Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida.
- Kegler, P. (2006). *As patologias do narcisismo e a clínica psicanalítica: novas configurações subjetivas na contemporaneidade*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria.
- Kehl, M. R. (1996). *A Mínima Diferença: Masculino e Feminino na Cultura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (2004). A impostura do macho. Artigos e Ensaios. Jornada da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. *A Masculinidade*. Acessado em 18 de novembro de 2009. Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/aimposturadomacho.pdf>
- Kupermann, D. (2008). *Presença Sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Laplanche, J., Pontalis, J. B. (2000). *Vocabulário de Psicanálise* (3rd Ed). São Paulo: Martins Fontes.
- Lasch, C. (1990). *O Mínimo Eu: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis* (5rd Ed). São Paulo: Editora Brasiliense.

- Lima, A. A. C., (2006). O fluxo do tempo. In: L. B. Fuks, & F. C. Ferraz. *O sintoma e suas faces*. (pp. 13-18). São Paulo: Escuta.
- Macedo, M. M. K., (2003). Uma leitura psicanalítica sobre o sofrimento na pós-modernidade. In: P. Guareschi; A. Pizzinato, L. Krüger & M. Macedo. *Psicologia em Questão: reflexões sobre a contemporaneidade* (pp. 163-175). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Macedo, M. M. K., Falcão, C. N. B. (2005). A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. *Psychê*, 9 (15), 65-76.
- Macedo, M. M. K (2006). *Tentativa de suicídio: o traumático via ato-dor*. Tese doutorado, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Macedo, M. M. K., Werlang, B. S. G., Dockhorn, C. N. B. F. (2008). Vorstellung: a questão da Representabilidade. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28 (1), 68-81.
- Machado, F. (2008). Grupo de homens: repensando o papel masculino na sociedade contemporânea. [Versão Eletrônica] *Pesquisa Psicológica: Revista Científica de Psicologia*. 2 (1), 1-31.
- Maia, M. (2005). *Extremos da Alma: dor e trauma na atualidade da clínica psicanalítica*. (2ªed.) Rio de Janeiro: Garamond.
- Marazina, I. (2005). O espelho e os homens: considerações sobre os reflexos na masculinidade de hoje. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 28, 16-22.
- Meler, I. (2000). La sexualidad masculina. Um estudio psicoanalítico de género. In: M. Burin, & I. Meler. *Varones: Género e subjetividad masculina* (pp. 149-198). Buenos Aires: Paidós.
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Educação*, 37 (22), 7-32.
- Nasio, J. D. (1999). *Como trabalha um psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Oliveira, P. P. (2004). *A Construção Social da Masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.
- Pedro, J. M. & Grossi, M. P. (1998). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- Rosa, M. (2008). Ser um homem segundo a tradição? In: *Fractal Revista de Psicologia*, 20 (2), 437-446.
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Siqueira, M. J. T. (1997). A constituição da identidade masculina: alguns pontos para discussão. *Psicologia USP*, 8 (1), 113-130.

Studt, A. C. P. (2007). *Novos tempos, novos pais? O ser pai na contemporaneidade*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Trevisan, J. S. (1998). *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. Rio de Janeiro: Record.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Os estudos realizados durante o desenvolvimento desta dissertação permitiram a constatação dos inegáveis efeitos que exerce a complexidade presente nos tempos atuais no processo de construção da subjetividade. A contemporaneidade acena com inúmeras possibilidades tecnológicas, científicas, culturais. Este cenário de diversidades e avanços, aparentemente, favorece o desenvolvimento e o aprimoramento das relações humanas. Porém, à medida que se exerce um olhar mais atento ao resultando do profundo impacto dessas transformações sobre as pessoas, não se pode mais manter uma ingênua idéia de que o ser humano evolua emocionalmente no mesmo ritmo e dimensão de suas conquistas tecnológicas.

No intuito de adentrar espaços teóricos e técnicos, propostos por estudiosos que produzem importantes ferramentas de reflexão a respeito da condição humana, buscaram-se ferramentas para abordar a temática da contemporaneidade e seus efeitos na produção de subjetividade. A complexidade de tal temática não permite a apresentação de um único olhar, mas, ao contrário, indica a necessidade de somar aportes de diferentes áreas do conhecimento. Desde a sociologia, a antropologia e chegando as contribuições advindas da Psicanálise, constatou-se que todas essas ciências enfatizam a necessidade de uma imperiosa reflexão a respeito dos tempos que vivemos. Nesse sentido, atentou-se para o fato de que não somente os sujeitos do sexo masculino, mas sim todas as pessoas que habitam o mundo contemporâneo ocidental estão imersas em um tempo de complexidades, da vigência do efêmero, do instantâneo e da cultura do excesso.

Neste estudo procurou-se explorar, especificamente, a condição da masculinidade. Tal motivação se deu a partir de questionamentos propostos por alguns autores da Psicanálise, no sentido de romper com a falsa proposição de uma maior facilidade do homem em relação à construção da masculinidade por ser o detentor do falo. Assim, constatou-se uma necessária problematização a respeito dos modos de ser e estar do homem imerso nesse cenário contemporâneo.

O cenário atual, sem dúvida, fala de tempos sombrios nos quais o homem se vê atordoado pela necessidade de corresponder a demandas sem direito a críticas ou reticências. As demandas a serem rapidamente atendidas derivam de uma sociedade que, implacavelmente, mostra-se disposta a excluir o que não a fascina ou que não lhe permite alimentar a ilusão de uma felicidade inabalável e constante; ao serem questionadas podem fazer com que o homem se sinta excluído e vazio. Para não romper com essa lógica compartilhada da performance, da completude, na qual o espetáculo não pode parar, o sujeito

ocupa um lugar de submissão e passividade, abrindo mão do direito à sua singularidade. O alto custo da manutenção deste faz de conta, o qual joga para longe qualquer sentimento de tristeza ou de insatisfação, não tarda a se fazer presente. Seja na descarga em ato, nas adições a substâncias ou a situações, o homem padece frente ao fracasso de sua existência. O vazio o assombra, deixando um amargo gosto frente a competições vertiginosas que não podem cessar.

O cenário da clínica psicanalítica parece, nesse sentido, ser um lugar no qual o homem pode exercitar a possibilidade de parar o espetáculo e olhar para si mesmo. Trata-se de um recurso que, ao situar-se na contramão da imposição de valores e da performance, dá espaço para que surja o que é singular daquele sujeito. A escuta da especificidade do padecimento masculino contemporâneo, longe de atribuir à cultura a causa de todos os males, convida o analisando a refletir sobre o efeito dessas demandas sobre si. Na modalidade de encontro proporcionada pela escuta clínica, o homem pode (re)construir o prazer de usufruir de um espaço no qual o acesso à alteridade é propiciado.

Os achados deste estudo permitiram constatar que, fiel aos ensinamentos freudianos a respeito da necessidade de ser a Psicanálise um recurso de reflexão sempre atento às transformações que a circundam, também a clínica atual é perpassada pelo efeito da escuta dessas formas de subjetividade, estando em constante movimento. Assim, segue sendo a clínica o espaço promotor de teoria psicanalítica. A ética da escuta reside exatamente em não perder de vista a necessidade de considerar as configurações de padecimento de cada época e de manter a capacidade interrogativa sobre o que se escuta. Os analistas entrevistados constatarem a necessidade de refletir sobre o padecimento masculino atual e contribuíram de forma significativa com sua experiência clínica para que se pudesse vislumbrar as demandas atuais na busca por análise. Ao referirem a crescente procura masculina por análise, esses profissionais permitem conjecturar sobre uma saudável desacomodação frente aos estereótipos de homem impostos pela sociedade.

Cabe destacar que a presente pesquisa buscou o aprofundamento da compreensão da singularidade masculina contemporânea, junto a profissionais que exercem suas atividades em grandes centros urbanos e com uma clientela caracterizada como classe média, denotando, assim, um recorte da população de nosso país. Sobretudo, este estudo não teve a pretensão de esgotar uma temática, já vista como ampla e complexa desde o início da investigação. Ao contrário, ao assumir-se a dimensão e complexidade dessa temática, o objetivo deste estudo foi o de contribuir para romper com uma lógica progressiva e equivocada de uma sociedade contemporânea que reduz o valor do humano a uma lógica monetária ou a uma atribuição de

gênero. Assim, ao explorar o padecimento masculino nos tempos atuais, resgata-se o valor do conhecimento de si e da liberdade de poder situar-se na contramão de demandas que desapropriam o sujeito de seu direito a existir como tal. Como fruto de um verdadeiro encontro com o outro, cabe ao homem apropriar-se das inúmeras possibilidades de dar forma a sua masculinidade.

ANEXOS

ANEXO A

**Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

OF.CEP-025/09

Porto Alegre, 09 de janeiro de 2009.

Senhora Pesquisadora,

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 08/04426 intitulado: **“O masculino e o padecimento psíquico: uma leitura a partir da escuta na clínica psicanalítica contemporânea”**.

Salientamos que seu estudo pode ser iniciado a partir desta data.

Os relatórios parciais e final deverão ser encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
Coordenador CEP-PUCRS

Ilma. Sra.
Dr. Mônica Kother Medeiros Macedo
Faculdade de Psicologia
N/Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000
Sala 314 – Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

As diversas transformações culturais e sócio-econômicas que a sociedade vem experimentando têm provocado reflexões e fomentado estudos acerca das demandas psíquicas e suas possíveis repercussões na prática clínica. Estamos solicitando sua autorização para que você possa participar da presente pesquisa que tem como objetivo principal investigar as configurações atuais de padecimentos psíquicos masculinos, bem como compreender quais são as demandas que levam os homens a buscar ajuda terapêutica. Este estudo está relacionado a uma Dissertação de Mestrado desenvolvida pela mestrandia Fernanda Cesa Ferreira da Silva, junto ao Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise, coordenado pela Dra Mônica Medeiros Kother Macedo no Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Faculdade Psicologia da PUCRS.

Tal estudo prevê a participação de psicanalistas com no mínimo dez anos de experiência clínica. Para tanto, será realizada uma entrevista semi-estruturada com questões abertas, que será gravada em áudio e, posteriormente transcrita para garantir a fidedignidade dos dados. Os achados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins de publicações científicas, mas fica assegurada a preservação do sigilo quanto à identificação dos participantes. Você estará colaborando para que sejam desenvolvidos novos conhecimentos científicos sobre o assunto.

A concordância em participar desta pesquisa abrange a possibilidade de publicação dos dados em formato de artigo científico e/ou exposição em eventos, seguindo as normas éticas de pesquisa.

Eu _____, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Recebi informação a respeito do procedimento no qual eu estarei envolvido (a) e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações. Sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação da pesquisa, se assim eu desejar, sem qualquer ônus. Caso tenha novas perguntas sobre este estudo, posso contatar a mestrandia **Fernanda Cesa Ferreira da Silva, no telefone 98391383**, com a professora orientadora **Mônica Kother Macedo, no telefone 33203633, ramal 7738** ou com o **Comitê de Ética em Pesquisa, no telefone 33203345**.

Assinatura do participante

Data

Mônica Medeiros Kother Macedo CRP: 07/03039

Data

Fernanda Cesa Ferreira da Silva CRP: 07/13667

Data